

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

8,3
DA

**CONTRIBUIÇÕES DE NÍSIA FLORESTA PARA A
EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO SÉCULO XIX**

VALDIR TOMAZ PEREIRA

NATAL, 1999

VALDIR TOMAZ PEREIRA

**CONTRIBUIÇÕES DE NÍSIA FLORESTA PARA A
EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO SÉCULO XIX**

Monografia apresentada à disciplina
Pesquisa História II, ministrada pela
Professora Dr^a Denise Mattos Monteiro,
do Curso de História da Universidade
Federal do Grande Norte, sob a
Orientação do Professor Francisco
Fernandes Marinho.

NATAL / 1999

DEDICATÓRIA

À minha esposa, IRANETE FERREIRA DOS SANTOS PEREIRA e aos meus Filhos IANE VANELLY e SÓCRATES, pelo apoio moral, incentivo, dedicação, carinho, e confiança que a mim depositaram no decorrer de todo o Curso, e sobretudo pela compreensão nesta reta final, que por necessidade de conclusão deste trabalho, ausentei-me de sua companhia.

O meu muito obrigado!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, ser supremo, que diante dos obstáculos, sempre me reaminou, dando-me forças para continuar a caminhada e mostrando que todo sacrificio é válido para se atingir nossos objetivos.

A meus pais, e meu irmão, e demais familiares, que sempre me incentivaram transmitindo palavras de confiança nos momentos mais difíceis.

Aos meus avós que estão na plenitude de Deus, mas que certamente estão presentes em espirito.

Aos meus colegas do Curso pelos momentos de alegria e dificuldade vividos.

Aos Professores do Curso de História que caminharam conosco até aqui, conduzindo-nos pelos meandros do saber, e em especial ao Professor Francisco Fernandes Marinho, cuja dedicação e orientação foram fundamentais à realização deste trabalho.

E, finalmente, dedico aos meus amigos que, direta ou indiretamente, torceram para que este sonho se realizasse.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	05
2 - DADOS BIOGRÁFICOS	08
2.1 - Sítio Floresta - Papari: 1810 - 1817	08
2.2 - Goiana: 1817 - 1819	10
2.3 - Volta para o Sítio Floresta - Papari: 1819 - 1824	11
2.4 - Retorna a Goiana: 1824	12
2.5 - De Goiana a Olinda: 1824 - 1832:	13
2.6 - Porto Alegre: 1832 - 1837	17
2.7 - Rio de Janeiro: 1837	18
3 - CRÍTICA À FORMA DE ENSINAR	23
4 - AS PREOCUPAÇÕES EDUCACIONAIS DE NÍSIA FLORESTA	27
5 - VIAGENS DE NÍSIA À EUROPA	32
5.1 - Primeira Viagem à Europa: 1849 - 1852	32
5.2 - Segunda Viagem à Europa: 1856 - 1872	34
5.3 - Terceira Viagem à Europa: 1875 -1885	35
6 - ABORDAGENS EDUCACIONAIS: CONSELHOS OU DOUTRINAS	37
7 - CONCLUSÃO	40
8 - BIBLIOGRAFIA	52

ANEXOS

1 - INTRODUÇÃO

Este estudo diz respeito à escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta, como a mais famosa "Educatora", do século XIX, com o objetivo de focalizar a questão feminina, numa tentativa de interligar a mulher às relações de modificações no posicionamento social, através de uma instrução educacional, tanto no campo da educação moral, quanto no da religiosa que fariam dela melhor esposa e melhor mãe, como também responsável pelos destinos do seu país.

Focalizamos, neste trabalho, o século XIX, por ser caracterizado como o período de Construção do Estado Nacional Brasileiro e, do mesmo modo, um tempo em que se procedeu à Construção Maquinaria Escolar.

Um primeiro esforço oficial nesta direção pode ser verificado no processo de elaboração de nossa primeira Constituição, promulgada em 1824, sendo confirmada com a edição da primeira Lei Geral de Ensino, de 15 de outubro de 1827.

No século XIX, a vida da mulher da camada senhorial sofria algumas modificações, à proporção que se intensificava o processo de urbanização. Embora nenhuma alteração profunda se tivesse produzido em sua posição social, já não vivia reclusa na casa-grande. O ambiente da cidade propiciava mais contatos sociais nas festas, nas igrejas e nos teatros.

A família patriarcal perdia sua dimensão rígida, permitindo à mulher desenvolver certo desembaraço de atitudes. Todavia, não se cuidava de sua instrução; apenas se acrescentava ao ideal de educação doméstica o cultivo da conversão, que permitiria à mulher ser agradável nas reuniões. Enquanto isso, a miséria e prostituição grassavam fora dos sobrados e o regime escravocrata desintegrava.

O afastamento da mulher em relação àquela sociedade significava, pois, uma barreira à conscientização dos problemas econômicos e políticos nacionais por parte da população feminina pertencente à elite dominante. Nestes termos, mesmo que, inconscientemente, a mulher da camada superior contribuísse para solapar o "status quo" vigente, o processo de desintegração da ordem social escravocrata não poderia

corresponder, como não correspondeu, na mesma medida e grau, um processo de emancipação da mulher.

Embora nem sempre a visão realista, que tivemos do problema da mulher fosse estendida a outros aspectos da sociedade de então, a crença inabalável no poder da educação como fator de mudança social, constituía, por assim dizer, a questão chave cuja solução dependia o progresso da sociedade brasileira.

No Brasil, ao longo de todo o século XIX, a educação da mulher mereceu a atenção de poucos autores políticos e sociais, enfatizando o importante papel social da educação. Entre esses poucos, apareceu e destacou-se a figura de Nísia, defendendo os direitos da mulher, da sociedade livre das garras do conservadorismo, além de cumprir os seus deveres como filha, esposa e mãe e até mesmo como professora, criando colégios, e educadora, através dos seus métodos, ora aconselhando, ora doutrinando.

É neste século também que vamos ter a Abolição dos Escravos e a Proclamação da República, já defendidas nas Conferências realizadas por Nísia, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, desde 1836. Nessa perspectiva, Nísia é um símbolo indiscutivelmente de moralidade, religiosidade, patriotismo, civilidade, humanismo e, sobretudo, de defensora dos princípios educacionais da Mulher Brasileira.

Praticando a arte da persuasão e do conhecimento, a autora responsabiliza os homens por cada erro ou fraqueza que admite nas mulheres. Afinal, ela conclui, foram eles que as deixaram propositadamente na ignorância.

Nísia, após tentar provar que as mulheres têm tanto direito quanto os homens e são capazes de aprender as ciências e ocupar empregos públicos e que têm coragem de defender um país e “prudência bastante para governá-lo, ela recua e afirma que não pretende com seu livro “revoltar as mulheres contra os homens”, nem de transformar a ordem presente das coisas, relativamente ao governo e autoridade”, pretendia, apenas, afirma, fazer ver que a mulher *“não é tão desprezível como os homens querem fazer crer”* e que eram *“capazes de tanta grandeza d'alma, como eles”*.

Mas, o entanto, nada por certo é mais prejudicial à educação das filhas do que as repetições de cenas domésticas, natural ou artificialmente representadas pelas mães, manifestando o resfriamento dos deveres impostos pela sociedade e mantidos pelo bom senso e pela religião no seio das famílias pensadoras compenetradas do empenho de firmarem o venturoso porvir dos tenros seres que se vão modulando pêlos exemplos daquela cuja voz mais império tem sobre seus corações. Concluindo que uma mãe é

então o quadro mais eloqüente para lhes servir de norma em sua conduta futura, o modelo que devem primeiro copiar: se esse modelo não é perfeito, jamais poderá a menina apresentar uma cópia perfeita.

2 - DADOS BIOGRÁFICOS

2.1 - Sítio Floresta - Papari: 1810 - 1817

No dia 12 de outubro de 1810, às nove horas da noite, nascia no Sítio Floresta, em Papari, Rio Grande do Norte, Dionísia Gonçalves Pinto, filha do casal Dionísio Gonçalves Pinto, de origem portuguesa e Antônia Clara Freire, brasileira. Dionísia ficou conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, sendo Nísia o final do seu nome de batismo, Floresta, o nome do sítio onde nasceu, Brasileira, o símbolo do seu ufanismo, uma necessidade de afirmativa para quem viveu quase três décadas na Europa e Augusta, uma recordação do nome do seu segundo marido, Manuel Augusto de Farias Rocha, com quem se casou em 1828, pai de sua filha Livia Augusta¹.

Alguns biógrafos², na falta de documentos, chamaram Nísia de Dionísia Freire Pinto, Dionísia Gonçalves Pinto Freire, Dionísia Pinto Lisboa.

O pai era um advogado, chegado no Rio Grande do Norte, desde os primeiros anos do século XIX, tido como um homem de letras, era advogado, e de idéias liberais, o que talvez venha comprovar a educação de Nísia Floresta.

Também permaneceu na memória popular a fama de exímio ceramista, atestada principalmente através da estatueta de uma índia, sustentando na Cabeça a Pia Batismal, realizada para a Igreja de Papari³, que o povoado, em 1703, já com a presença portuguesa, começou a erguer, sob a invocação de Nossa Senhora do Ó, concluída somente 52 anos depois, em 1755.

Como o senhor Dionísio chegou à essa povoação, perdida no Nordeste Brasileiro, não se sabe. O fato é que ele conheceu e desposou uma jovem viúva, dona Antônia Clara Freire, filha do Capitão-mor Bento Freire de Revorêdo e de Mônica da Rocha Bezerra, casal que se encontra nas origens das principais famílias da região. Dona Antônia já tinha uma filha do seu primeiro matrimônio, chamada Maria Izabel do Sacramento e, além de Nísia, o casal teve mais dois filhos: Clara e Joaquim.

¹ Cf. MELO, Veríssimo de. Patronos e Acadêmicos, p. 19.

² Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. Nota. In: Viagens ao Nordeste do Brasil, de Henry Koster, p. 116; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Nísia Floresta. O Carapuceiro e outros ensaios de Tradução Cultural. São Paulo: Huatec, 1996, p.167.

³ Cf. DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: Vida e Obra, p. 16.

São poucas as informações que temos a respeito da mãe de Nísia, apenas é possível aferir dos escritos de sua filha que se tratava de uma mulher carinhosa, inteligente, enérgica e dedicada nos momentos necessários e da obra “Viagens ao Nordeste do Brasil”, de Henry Koster, quando de sua passagem por Papari, em 1810: “O senhor Dionísio apresentou a sua mulher. Ele é português e ela brasileira”⁴.

Os primeiros habitantes de Papari, foram os índios Tupis e a origem do nome vem da lagoa de pesca abundante existente no território, ao lado de várias outras, conhecida no século XVII com o nome de Paraguaçu⁵, que significa uma espécie de macaco de pelo rajado, e que, em 1810, teve o privilégio de receber o viajante inglês Henry Koster, quando da sua viagem à Província do Rio Grande do Norte, observa que

Papari é situada num vale estreito e profundo, mas de lindo aspecto. É intensamente cultivado, principalmente este ano as terras foram valorizadas, por não haver chuvas e os trechos arenosos serem estêreis. Com efeito, quando virá noutras paragens a terra seca e queimada, essa região é cheia de verdura, irradiando alegria derredor de si, ciente de sua superioridade. Os habitantes parecem compreender, pela sua satisfação, a partilha esplendida que receberam⁶

Além de se encontrar no percurso de cinco léguas de Cunhau, localiza-se entre Cunhau e Natal, e tem outra vantagem, como também afirma o próprio Koster:

embora longe três ou quatro léguas do mar, [Papari] possui um lago de água salgada, de forma que os moradores têm peixe às portas. A maré vai até o lago, que jamais seca, e mesmo os rios de água doce raramente param, preservando uma certa parte da ação marítima⁷

Apesar do povoado de Papari ter sido desmembrado de São José de Mipibú, no dia 18 de fevereiro de 1852, pela Lei nº 242, tornando-se município, com o nome de Vila Imperial de Papari, apenas em 1949, 64 anos após o seu falecimento, ocorrido em Rouen, na França, em 24 de abril de 1885, é que a comunidade de Papari prestou uma merecida homenagem à sua filha mais ilustre e mudou o nome de sua terra para Nísia Floresta.

⁴ KOSTER, Henry. *Travels in Brazil*, publicado em 1816, p. 105.

⁵ MORAIS, Marcus César Cavalcante de. *Terras Potiguares*, p. 166.

⁶ KOSTER, Op. cit., p. 104.

⁷ *Ibid.*, p. 104.

2.2 - Goiana: 1817 - 1819:

Desde os primeiros meses de 1817, chegavam a Papari notícias de uma rebelião, iniciada em Recife, contra os abusos do poder estrangeiro, que se alastravam por todos os rincões nordestinos visando, principalmente, ao estabelecimento de um governo local e autônomo. A bandeira do anti-lusitanismo tremulou forte nestes meses, alimentando o espírito de revolta entre os nativistas, que passaram a atacar e perseguir os portugueses ou “marinheiros”, como eram chamados, onde quer que se encontrassem.

Dionísio, por sua origem, por pouco escapa da dita fúria popular. Como os outros portugueses da região, também foi perseguido e por diversas vezes teve que sair de casa na escuridão da noite para esconder-se daqueles que o perseguiram. Um dia, cansado dos sobressaltos e de se ocultar nas cercanias do Sítio Floresta, resolveu mudar-se, como a família, para Goiana, e lá esperar o fim dos acontecimentos. As circunstâncias obrigaram Dionísio e a família a afastarem-se, em 1817 e, definitivamente, em 1824, fatos narrados por Nísia Floresta, mais tarde, já residindo na Europa:

Parecia que se ouvia ainda o eco repetir os gemidos das vítimas de 1817 imoladas à vingança de seus dominadores de além-mar, cujo despotismo punia com uma barbárie digna da Idade Média os chefes e os simpatizantes do partido republicano⁸

Esta Revolução de 1817 era apenas o início do Ciclo Revolucionário Nordestino, pois outros movimentos, como a Balaiada, a Cabanagem e a Sabinada viriam, pontuando, cada um em seu momento, a mesma ênfase de contestação ao poder instituído.

Nísia viveu em Goiana, um centro mais avançado do interior de Pernambuco, de 1817 a 1819, anos que trouxeram não só mais experiências, como lhe deram, com certeza, as primeiras vozes liberais que a marcaram por toda a vida. É o nascimento de Joaquim Pinto Brasil, na Vila de Goiana, em 1819, que comprova a permanência da família do senhor Dionísio em Pernambuco. A única dúvida que perdura é se Clara, já nascida, se nasceu em Floresta ou em Goiana.

⁸ FLORESTA, Nísia. *Fragments d'un ouvrage inédit*. In: DUARTE, Nísia..., p. 47.

Goiana era sem dúvida um importante centro intelectual do país, um foco de cultura e riqueza que irradiava para as demais províncias do Nordeste, as idéias liberais e republicanas que floresciam.

Em Goiana, desde do século XVII, existia o Convento das Carmelitas, onde as jovens de famílias abastadas tinham oportunidade de se iniciar nos estudos clássicos, nas línguas européias, nos trabalhos manuais e no canto, com acesso a rica biblioteca. Nísia foi aluna das carmelitas ou teria tido uma educação paterna, já que o senhor Dionísio era um advogado, considerado como um homem culto?. Afirma Adauto da Câmara que foi o pai de Nísia quem, "*em Floresta, desenvolveu estes estudos, pelo espírito culto de Dionísio Pinto*"⁹. Historicamente falando, as lacunas de documentação e a ausência de depoimentos não permitem afirmar tais questionamentos.

2.3. Volta para o Sítio Floresta - Papari: 1819 - 1824

Alguns meses depois do nascimento de Joaquim, a família volta a residir em Floresta, por que o ambiente em Pernambuco, mesmo abafada a Revolução de 1817, continuava pesado aos portugueses.

Nísia contava com 12 anos em 1822 e, apesar da pouca idade, deve ter presenciado as manifestações de regozijo com a notícia da Independência do País. Mas um fato, muito pouco esclarecido, marcará o ano de 1823 e será, de certa forma, decisivo na vida de Nísia: o seu casamento com Manuel Seabra de Melo, um rapaz pouco culto, mas dono de grandes extensões de terras vizinhas a Papari. Se Nísia concordou com esse casamento, logo deve ter se arrependido, pois em alguns meses abandonou o marido e volta a residir com os pais. Esta atitude de Nísia vai contribuir em muito para reforçar as opiniões desabonadoras que seus conterrâneos passam a emitir a seu respeito.

No ano seguinte, 1824, novamente a Província de Pernambuco é foco detonador de mais uma tentativa de separatismo de caráter republicano, apenas dois anos após a Proclamação da Independência.

A "Confederação do Equador", como ficou conhecido o movimento, foi depois considerada o maior episódio de conflito entre as forças reacionárias, nas quais Dom Pedro se apoiava, e as de tendência democrática e nacionalista que se alastravam pelo

⁹ CÂMARA, Adauto da. História..., p. 18.

Nordeste. A ardente retórica de Frei Caneca, com sua lógica demolidora, inflamava ainda mais os pernambucanos, dando-lhes forças para resistir, mesmo quando as tropas imperiais invadiam as cidades. A repressão mais uma vez foi violenta e implacável.

2.4. Retorno à Goiana: 1824:

O descontentamento popular com a centralização do poder no Rio de Janeiro e o favorecimento abusivo dos portugueses no comércio, em prejuízo dos brasileiros, tomavam proporções incalculáveis.

Dionísio, decidindo residir novamente em território pernambucano, foi este contexto conturbado que encontrou. Mais não havia outras opções naqueles tempos. Os ataques e as demonstrações de ódio aos portugueses também continuavam no Rio Grande do Norte e se aproximavam, cada vez mais, da residência do senhor Dionísio, sobressaltando toda a família.

As lembranças que Nísia guarda desta época não poderiam ser mais chocantes e relata-as da seguinte forma:

em 1824 o horror da guerra civil patenteou-se a meus olhos, destruindo incontinentemente o repouso de meu querido pai! Por vezes vi-o a ponto de sucumbir ao golpe do assassino; por vezes a minha alma tremeu e detestou os homens a cuja maldade sucumbia a inocência e a virtude nesses calamitosos tempos de horror, e de desolação!¹⁰

Desta vez a despedida do Sítio Floresta foi definitiva, sem possibilidades de retorno. As pressões da vizinhança e a evidente falta de segurança obrigaram o senhor Dionísio a deixar sua casa, plantações, lembranças mais queridas, tudo o que não pode levar para Goiana. Mais Nísia leva consigo as imagens da Floresta de sua meninice não só no nome mas em inúmeras referências que faz em muitos dos seus livros: os “*jardins balsâmicos*” da “*deliciosa*” e “*risonha Floresta*”, acompanham-na em reminiscências até o Velho Mundo e contribuem para impregnar ainda mais o seu espírito de saudades da infância e da terra natal.

Na viagem que fez entre Livorno e Civitá-Vecchia, em meio ao silêncio da noite, o mar, o barco, o ruído das rodas,

¹⁰ FLORESTA, Nísia. Conselhos à Minha Filha, p. 1.

tudo isto conduzia minha alma a um profundo devaneio. Ó meu planeta predileto, doce inspiração de minha juventude, quantas sensações puras não te devo! Tu, amiga dos jogos de minha infância inquieta, nos jardins embalsamados da minha risonha floresta¹¹

Ao final do ano de 1824, mesmo depois de sufocada a revolta, um grupo de populares dos arredores de Floresta depreda a propriedade e saqueia os bens da família Gonçalves Pinto.

2.5. De Goiana a Olinda: 1824 - 1832:

Após uma rápida passagem por Goiana, Dionísio monta residência em Olinda, onde se entrega ao exercício da Advocacia e Nísia, pretendendo ensinar a meninas, na sua própria casa, divulga um anúncio no jornal Diário de Pernambuco, datado de 29 de abril de 1829:

Uma senhora assaz conhecida nesta cidade se propõe a ensinar a ler, a escrever, as quatro espécies de conta, a doutrina cristã, e os elementos de civilização às meninas que lhe forem confiadas para o dito fim, prometendo desvelar-se no adiantamento das suas alunas, instruindo-as ao mesmo tempo naqueles princípios verdadeiramente religiosos. Os pais de família que quiserem se utilizar do préstimo da dita senhora, podem dirigir-se à sua casa, - Rua das Flores D 12 - a qual não duvida educar algumas meninas assistindo em sua companhia, sendo do agrado dos seus pais, com quem antecipadamente deverá ajustar-se. (Diário de Pernambuco, 29.04 e 08.05.1829)

Apesar do cenário nacional estar conturbado pela Abdicação de Dom Pedro I e o Nordeste envolvido movimento que ficou conhecido como Guerra dos Cabanos, entre Pernambuco e Alagoas, 1831 foi um ano fecundo para Nísia, pois foi o ano de sua estréia nas letras, colaborando com o jornal “**Espelho das Brasileiras**”, durante os trinta números, de fevereiro a abril, com artigos que tratam da condição feminina, em diversas culturas antigas. No número 20, datado de 08 de abril, escreveu:

... seria impossível abranger nos limites desta folha todas as ações ilustres praticadas pelas senhores romanas, nessa época infeliz; todavia era o dever citar para honra do sexo feminino, e confusão de seus injustos detratores, os principais feitos dessas verdadeiras heroínas, cujo patriotismo provou a que ponto as mulheres, sem jamais se intrometerem na repartição dos

¹¹ Id., Três anos na Itália..., p. 51.

homens, podem ser úteis nas crises, que ameaçam a segurança do estado. (...). (Jornal Espelho das Brasileiras, 08.04.1831).

Em 1832, vem à luz “**Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens**”, em tradução livre de *Vindication of the rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft ou Mrs. Godwin, assinado com o nome de tornará conhecida a norte-rio-grandense Dionísia Gonçalves Pinto. É o nascimento, portanto, da “*mais notável mulher de letras do Brasil*”, segundo a expressão de Oliveira Lima, conforme citação de Adauto da Câmara¹², Nísia Floresta Brasileira Augusta, nome que não ocultou, mas revelou a personalidade e as opções existenciais de Nísia.

O *Direitos das Mulheres* deu a Nísia o título incontestável de precursora dos ideais de igualdade e independência da mulher em nosso país. Na Dedicatória, Nísia, reconhecendo o valor da mulher e o poder transformador da educação nos homens, oferece a sua obra “**Às Brasileiras, e Acadêmicos Brasileiros**”

Para as primeiras, porque é delas que trata e por elas escreve. Aliás, perpassa por todo o livro uma solidariedade bem feminista, visível no empenho em justificar suas faltas e destacar cada um de seus méritos:

A vós, caras Patrícias e dignos filhos de Palas, ofereço este pequeno resultado de minha aplicação. Assaz conheço a incapacidade de meus talentos para fazer um tradução digna de vós: porém convencida da indulgência e bondade que constituem o vosso principal caráter, não hesitei propor-me a esta tarefa nas esperanças de que desculpando benignos erros os meus, acolheréis as minhas boas intenções.

Na própria Dedicatória, Nísia, voltando-se às suas patrícias, pretende que elas ilustrem o seu espírito, praticado na virtude, abraçando-se sempre às suas qualidades exclusivas e não deixando-se abater pela desprezível ignorância imposta em pelo sexo oposto.

O livro contém a denúncia dos preconceitos e do estado de inferioridade em que se encontrava a quase totalidade das mulheres de seu tempo e a Nísia usando da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres, adverte as suas patrícias:

¹² CÂMARA, Op. cit., p. 17

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos amos, isto é, a eles homens. Entretanto eu não posso considerar este raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar.¹³

Mas, é nos Acadêmicos, que Nísia deposita toda a sua esperança, por serem eles os representantes legítimos da elite pensante do país, aqueles que poderiam se quisessem, mudar os rumos dos acontecimentos:

É de vós, mocidade acadêmica em quem a Nação tem depositado as mais belas esperanças, que sabereis corresponder à sua expectativa, igualmente, espero, que atendendo o estado a que nosso infeliz sexo tem sido injustamente condenado, privado das vantagens de uma educação, longe de criticardes a minha temeridade, lamentareis a nossa sorte, pois que até em pequenas empresas não podemos desenvolver nossos talentos naturais. Assim como espero que, algum dia, nas horas vagas de vossos altos ministérios lançareis vista de justiça sobre o nosso sexo em geral, senão para empreender uma metamorfose na ordem presente das coisas, ao menos para conseguirmos uma melhor sorte, de que não duvidareis somos dignas. Destarte conseguireis vossos verdadeiros louvores e vossos nomes imortalizados, receberão da posteridade a brilhante coroa de vossas virtudes.¹⁴

Foi desta geração que saíram os futuros abolicionistas, os republicanos e também uns bem poucos, muitos poucos defensores dos direitos da mulher.

Para Nísia o essencial da sujeição decorre do impedimento de as mulheres não terem boa educação. Homens e mulheres, afirma, são diferentes no corpo, mas isto não significa diferença na “alma”. As desigualdades que resultam em inferioridade, argumenta, resultam da educação e das circunstâncias da vida. As mulheres não são inferiores quanto ao entendimento, a competência, ao saber ou ao aprendizado. Desempenham tarefas de procriação, são essências ao estado social.

Nísia é precursora ao mostrar que a mulher foi envolvida em uma rede: não lhe dão educação pois elas não desempenham tarefas em espaços públicos, e elas não as desempenham pois não são educadas, Daí o círculo que só será rompido pela educação.

O movimento de reivindicação das mulheres, avaliado ao longo da História, tem períodos de florescimento e outros de refluxo. A passagem do século parece ter sido

¹³ FLORESTA, Nísia. Direitos..., p. 35.

¹⁴ Ibid., pp. 21/22.

marcada por este último, reavivando-se a luta na primeira e segunda década do século XX, na luta pelo direito ao voto. Mais uma vez, os mesmos argumentos se confrontam: entendia-se que a mulher deveria se dedicar inteiramente à família, filhos e marido.

Àqueles desprevenidos, Nísia envolve com uma argumentação que seduz e encanta; aos outros, que se aproximam com certa prevenção ela os surpreende em seus volteios retóricos, seu raciocínio brilhante e, delicadamente, os conduz para onde quer, terminando por também envolvê-los.

Que direito têm os homens de desprezar as mulheres e pretender uma superioridade sobre elas, por um exercício que eles partilham igualmente com elas?

A este questionamento, poderemos responder com as palavras da própria Nísia:

Toda autoridade que eles tem exercido sobre nós até o presente, não parecerá mais que uma usurpação violenta de sua parte, que não podem perfeitamente expiar, sendo restituindo-nos ao estado de igualdade em que a Natureza nos colocou. Enquanto eles não chegarem a este ponto de equidade, as pechas imaginárias com que eles tem oprimido o nosso sexo e que se alguma aplicação tem, não podem recair mais que sobre um pequeno número dentre nós, que não me proponho justificar, não passarão senão como pequenas sutilezas a cuja sombra querem fazer passar as suas.¹⁵

Nísia Floresta, como todos sabem, preocupa-se com a criação de filhos, com a justiça social, com o direito de igualdade entre os sexos, com a liberdade, e principalmente com a educação da mulher e que não seriam certos problemas causados pelo conhecimento superficial, tanto nos homens quanto nas mulheres, a razão para se negar a educação, nem a um, nem a outro. É preciso seguir, afirma a própria Nísia, citando Alexandre Pope, em Ensaio sobre a Crítica, de 1810, a opinião de um dos melhores autores, que é aplicável a todas as ciências, também como à poesia:

*Pouco vale sábio ser, sem ser profundo;
Ou as letras deixais ou ir-lhes ao fundo;
Não vos leveis vontades caprichosas
De Hipocrene às margens perigosas;
Seus vapores sutis toldam a mente,
Cobre a razão quem bebe na corrente¹⁶.*

¹⁵ Ibid., p. 31.

Mas, os homens não querem se dar ao trabalho de pensar, apenas olham simplesmente a razão como muito inferior a si e querem antes prostituir, que segui-la. Para Nísia,

*eles têm adquirido toda reputação por uma certa gentileza de expressão, cujo exame não é a justiça que sustenta, mas, sim suas cabeças, seus corações e seus rostos; eles queriam antes, para me servir dos termos daquele sábio, ver o bom senso em confusão, do que uma palavra mal-arranjada em seus discursos*¹⁷.

Voltando-se ao problema da educação de Nísia, o certo é que foi em Olinda, onde residiu até fins de 1832, que engolfou-se nos estudos, dando maior amplitude aos conhecimentos, sempre nunca, em suas obras, fez a mais remota referência a mestras.

Para o seu biógrafo, Adauto Câmara,

O que é certo, louvando-nos no seu próprio depoimento, é que em Recife já se familiarizara com os clássicos Portugueses, já sabia de cor as poesias de Castilho, já declamava Horácio e Virgílio, manejava com facilidade o Francês, tendo posto em linguagem a edição francesa de uma obra inglesa¹⁸.

2.6. Porto Alegre: 1832 - 1837:

Em novembro de 1832, Manuel Augusto de Farias concluiu o bacharelado em Direito, na primeira turma da Academia de Olinda, e entre os seus colegas encontramos alguns nomes que mais tarde se tornariam conhecidos, como Joaquim Nunes Machado, Euzélio de Queiroz e Sérgio T. de Macedo. Ainda não final deste ano Nísia se transfere com Augusto, a filha, a mãe e as irmãs Clara e Izabel, para Porto Alegre.

Apenas o irmão, Joaquim Pinto Brasil, permaneceu em Olinda, pois estava sendo admitido, com apenas quatorze anos, na Faculdade de Direito, mas alterando a idade para dezesseis.

Logo no início do ano, em 12 de janeiro de 1833, nasce outro filho, a quem deu o nome de Augusto Américo de Farias Rocha. Coincidentemente, no mesmo dia em que a filha Livia havia nascido três anos antes. Mas, vinte e cinco dias após o nascimento de

¹⁶ Ibid., p. 49.

¹⁷ Ibid., p. 60.

¹⁸ CÂMARA, Op. cit, pp. 45/46.

Augusto Américo, no dia 29 de agosto, um infeliz acontecimento marcará Nísia Floresta e sua família, por toda a sua vida: Manuel Augusto morre, repentinamente, aos vinte e cinco anos de idade, deixando Nísia enlutada, com uma família composta de dois filhos pequenos, as duas irmãs e a mãe.

Durante mais ou menos quatro ou cinco anos após a morte de Augusto, Nísia permaneceu em Porto Alegre, em virtude da grande admiração que tinha pelo povo gaúcho, em cujo seio iniciou o magistério, e teria sido, segundo Kraemer Neto, em *Nos Tempos da Velha Escola*, “*Diretora de um colégio em Porto Alegre*”¹⁹

O pensamento liberal se espalha com rapidez pelo país até os campos Gaúchos, semeando o descontentamento com a má administração, a consciência dos impostos excessivos e aguçando a rivalidade entre os portugueses e os nativistas, simpatizantes do partido republicano. Era a guerra civil, pejorativamente chamada “farroupilha”, por alusão aos farrapos com que os rebeldes se vestiam.

Em 20 de setembro de 1835, os revolucionários obtinham expressiva vitória e ocupavam Porto Alegre e Rio Grande, as mais importantes vilas da região. Até 1845 esta situação se manterá, obrigando a população a se posicionar a favor ou contra um dos lados.

Com certeza, é deste período o início da propalada amizade de Nísia com Anita e Giuseppe Garibaldi, o italiano responsável em 1838 pelo comando geral da marinha da República Rio Grandense.

Muitos anos depois, Nísia se reencontrará com Garibaldi na Itália, mantendo com ele uma correspondência, que hoje está desaparecida, e na sua obra “*Trois ans en Italie*”, dedica algumas páginas elogiosas a Garibaldi, já um herói nacional.

No Jornal **O Recopilador Liberal**, de Porto Alegre, deste mesmo ano, há vários artigos com a assinatura “quotidiana fidedigna”, e ainda outros anônimos, que muito lembram o estilo e as idéias de nossa escritora.

2.7 - Rio de Janeiro: 1837

Com a Revolução Farroupilha, o clima na capital gaúcha, com certeza, estava tenso e difícil para uma mulher viúva, chefe de uma família composta por duas crianças, a mãe e duas irmãs. Tanto é assim que ainda em 1837 Nísia Floresta se transfere para o

¹⁹ Cf. DUARTE, Op. cit., p. 27.

Rio de Janeiro. E, mais uma vez, nova cidade, nova vida, novas preocupações, um novo Colégio.

Nísia não perdeu tempo, e já em 31 de janeiro de 1838, no **Jornal do Comércio**, aparece um anúncio do estabelecimento de ensino que estava inaugurando:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público que ela pretende abrir no dia 5 de fevereiro próximo, na rua direita nº 167, um Colégio de educação para meninas, no qual, além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo o mais que toca à educação doméstica de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios mais gerais da Geografia. Haverão igualmente neste Colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreteter o responsável público com promessas de zelo, assiduidade e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de sua filha, que ela não é indigna da árdua tarefa que si toma. (...)

A Nísia Floresta ao fazer este anúncio em jornal, estava na realidade mostrando a que veio, ou seja, sabia que iria enfrentar a concorrência estrangeira, e além dessa tinha uma outra ainda mais difícil que era na verdade ganhar a confiança dos pais, já que se tratava de um estabelecimento de ensino para o sexo feminino. Portanto não só naquela época, mas ainda hoje poderemos considerar que foi um grande fato Histórico por trata-se de uma questão de fundamental importância que era assumir a defesa da educação da mulher que fora negada durante muito tempo. Mas,

O Colégio não foi bem recebido pelas concorrentes estrangeiras. A audácia da diretora, seu caráter *sui juris*, suas idéias já conhecidas em prol da reabilitação da mulher, causaram mal-estar entre as rivais assustadas, e entre os catões, que aborreciam aquela mulher metida a homem, pregando a emancipação do seu sexo, batendo-se pela extinção da odiosa tirania masculina, escrevendo nos jornais, estigmatizando os senhores de escravos, desassombradamente seculares preceitos.²⁰

Mais tarde o Colégio foi transferido para a rua D. Manuel nº 20, com entrada pela travessa do paço nº 23, bem em frente ao palácio da justiça. José Vieira Fazenda, **Nas Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro**, registra a presença do

²⁰ CÂMARA. Op. cit., p. 57.

estabelecimento na cidade e faz comentário sobre a sua proprietária, quando enumera os moradores mais distintos da famosa Ruela!:

No prédio de dois andares, n.º 23, lado ímpar, esquina com a rua cotovelo, funcionou por muito tempo importante Colégio de meninas. Era dele diretora D. Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida em 12 de outubro de 1810 e falecida na cidade de Ruão, em 20 de maio de 1885. Literata de valor, poetisa, infatigável polemista e erudita publicista, no Brasil e em Portugal, exerceu com grande proficiência o magistério. Colaborou essa ilustre compatriota no Jornal do Comércio, no Mercantil e no Diário do Rio, bem como em várias revistas do tempo. Conhecia diversas línguas e escrevia o francês com graça e facilidade²¹.

O autor continua o texto com elogiosas referências à escritora, citando alguns de seus livros e destacando com ênfase seus pronunciamentos a favor dos “direitos do sexo frágil”. Mas por causa das novidades que a diretora queria introduzir no ensino, o Colégio Augusto enfrentou dificuldades para se impor enquanto escola séria e para obter uma opinião favorável por parte do público. Foram inúmeros os ataques que recebeu anonimamente pelos jornais, com críticas que escarneciam desde os estudos de latinidade impostos às alunas, à pedagogia adotada pelo Colégio. Houve, inclusive, em alguns jornais alusões maldosas referentes à vida particular da diretora, que muito devem tê-la aborrecido.

Na verdade, o clima conservador da cidade relutava em aceitar aquela mulher que ousava competir com as estrangeiras mantendo os direitos do sexo e, ainda, assinava colaborações nos mais prestigiosos jornais do país.

E Nísia, dominando várias línguas, como o italiano, o francês e o latim, vinha preparada para aplicar, no cenário mais visto da Corte, as suas aptidões de pedagoga, que já experimentara em Olinda e em Porto Alegre, onde se aprofundara no estudo das humanidades e tinha exercido as funções de magistério e diretora, além de ter criado várias escolas.

No Rio de Janeiro chegou ostentando uma cultura absolutamente invulgar para o seu sexo, naqueles tempos em que a educação da mulher no Brasil se resumia às boas maneiras, dança, piano, trabalho de agulha, ler, escrever, contar e a receitas de doces.

Entretanto, fixando-se no Rio de Janeiro, procurava apenas um ambiente mais largo para suas aspirações espirituais. Encontrou, em 1838, uma pequena cidade de

²¹ Cf. DUARTE. Op. cit., p. 30.

137.000 habitantes, suja, cheia de negros, assolada pelas endemias, um meio intelectual dos mais acanhados. Apesar de tudo, era a primeira cidade do Império e havia um extraordinário interesse pela instrução.

O magistério foi uma vocação predominante de seu espírito, ao lado da ação social e do amor às letras. Nisia é o extraordinário caso de autodidatismo neste país e toda a sua obra de professora e de escritora testemunha o seu cuidado pela formação moral e intelectual da juventude.

As revoluções continuavam surgindo pelo país a todo ano, em toda parte. No Sul continuava a Guerra dos Farrapos, e na Bahia e Maranhão a Sabinada e a Balaiada contribuíram para abalar ainda mais as forças imperiais, ao divulgarem aos quatro ventos idéias de liberdade e independência. No ano de 1842, estourou ainda a Revolução Liberal, em Minas Gerais e São Paulo.

E os anos de 1835, desde o Rio Grande do Sul até 1845, vivendo no Rio de Janeiro, Nisia fez conferência de caráter abolicionista e republicano, pregando a emancipação dos escravos, a liberdade de cultos e a federação das províncias.

Em 1846, O Mercantil, de 1º e 2 de janeiro, na coluna intitulada estatística colegial, fez comentários preconceituosos sobre os exames finais realizados no Colégio Augusto, considerando as propostas educacionais avançadas e inadequadas para as alunas.

Nas matérias dos dias 23 e 24 de dezembro deste ano, podemos ver como não era fácil para Nisia manter o seu Colégio:

... A Sra. D. Elisa cujo o autor se corrige e escreve Nisia da praia de D. Manuel cujo Colégio hoje é melhor do que fora o de Mme Tanière o ano passado, é quem toma o maior interesse pelo adiantamento de suas disciplinas. Trabalhos de llingua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos.

No dia 17 de janeiro de 1847, também em **O Mercantil**, o mesmo articulista ou outro escrevendo a coluna em seu lugar, expressa-se da seguinte maneira:

Vamos à rua D. Manuel e lancemos uma vista d'olhos sobre o Colégio Augusto, dirigido por D. Nisia Floresta Augusta. Há casas de educação que têm o mau gosto de ensinar às meninas a fazer vestidos ou camisas. Mas parece que D. Augusta acha isso muito prosaico. Ensina-lhes latim. E porque não grego e hebraico? Pobre diretora! Está tão satisfeita de si mesma e de seu Colégio; está tão intimamente persuadida que é o primeiro estabelecimento de

instrução do império, que, em verdade causa dó arrancar-lhe tão suave ilusão! Disse Caldeirão em uma de suas peças.

Estranhareis por ventura a quem nunca viu o sol o pensa que a lua é o mais brilhante dos astros? Escarnecerels de quem nunca visse o sol nem a lua, e vos gabasse o deslumbrante e incomparável esplendor de Vênus?.

Não. É pois natural que D. Nísia que nunca viu senão o próprio Colégio o ponha acima dos demais. Há nesta opinião mais ingenuidade do que vaidade. Notaremos apenas a D. Floresta que se esquece um tanto do verdadeiro fim da educação, que é adquirir conhecimentos úteis e não vencer dificuldades, sem nenhuma utilidade real.²²

No caso do Colégio Augusto as críticas feitas eram, na realidade, elogios, isto é demonstravam o avanço das propostas educacionais de Nísia Floresta e declaravam o quanto era difícil aceitá-las.

A pedagogia nisiana partia do pressuposto de que a mulher merecia também um ensino profundo, com o conhecimento de matérias até então reservadas aos homens, como o latim, por exemplo. Daí as resistências encontradas naquele ambiente patriarcal e a campanha movida pelo conservadorismo.

Ainda dentro de sua proposta educacional, Nísia Floresta recomenda que as famílias endinheiradas enviem os seus filhos para os melhores colégios, nos quais os seus estudos sejam regulados por um horário específico e onde não presenciem os males inerentes ao sistema escravista, cláusula, segundo a autora "*essencialmente necessária para o bom resultado da educação*", como no caso da mulher inglesa, que era

educada nos severos princípios de uma sã e esclarecida moral, dando provas, desde sua mais tenra mocidade, de uma descrição e modesta altivez, que as mulheres das outras nações lhe não podem disputar e gravando-se-lhe no espírito, quase logo ao sair do berço, a consciência de sua própria dignidade, ela compreende muito cedo a nobreza do sexo a que pertence e a importância do cumprimento de seus deveres.

Desconhecendo-se ou não se querendo seguir comumente o bom método de educar, vai-se usando com elas pouco mais ou menos daquele com que foram suas mães educadas, acrescentando-se-lhe por vezes certa liberdade mal entendida e, por estar em moda, o ensino de algumas prendas vedadas outrora ao sexo.²³

²² Ibid., p. 34.

²³ FLORESTA. Opúsculo Humanitário, p. 79

3 - CRÍTICA À FORMA DE SE ENSINAR

Apresentamos algumas das preocupações de Nísia com relação à boa educação da mulher no Brasil. A própria Nísia interroga a si mesma “o que se chama por via de regra no Brasil dar boa educação a uma menina?” e responde:

Mandá-la apreender a dançar, não pela utilidade que resulta aos membros de tal exercício, mas pelo de a fazer brilhar nos salões; ler e escrever o Português, que, apesar de ser o nosso idioma, não se tem grande empenho de conhecer cabalmente; falar um pouco o francês, o inglês, sem o menor conhecimento de sua literatura; cantar, tocar piano; muitas vezes sem gosto, sem estilo, e mesmo sem compreender devidamente a música; simples noções de desenho, Geografia e História, cujo estudo abandona com os livros ao sair do colégio; alguns trabalhos de tapeçaria, bordados, croché, etc., que possam figurar pelo meio dos objetos de luxo expostos nas salas dos pais a fim de granjear fúteis louvores a sua autora.²⁴

E também expõe a sua preocupação com relação ao papel das educadoras, diante dos pais conservadoristas, que preferiam as suas filhas educadas apenas para a procriação e de um sistema de educação pública radicalmente sem reformas.

E quais são aí as educadoras, por mais dignas que sejam de exercer tais funções, que ousam contrariar inteiramente as opiniões e o gosto dos pais a respeito da educação de suas filhas? Seria exporem-se a ver suas aulas sem auditório, e, como já observamos, sendo o magistério em nossa terra por via de regra um objeto de especulação, grande cuidado se tem em transigir com os pais de família, embora com detrimento dos alunos.

É partindo desta experiência que tiramos a conclusão de que, no Brasil, não se poderá educar bem a mocidade enquanto o sistema de nossa educação, quer doméstica, quer pública, não for radicalmente reformado.

Será, portanto, da comunhão das boas práticas de uns e de outros que somente poderão sair homens e mulheres capazes de firmar o renome da nação brasileira, a qual, tão grandemente elevada pela natureza, tão pequeno espaço tem ainda conquistado no vasto e fértil campo da civilização moderna.²⁵

²⁴ Ibid., p. 110.

²⁵ Ibid., p. 111.

Nísia também não admitia uma educação doméstica, dotado de vícios, onde as meninas eram entregues à uma má educação, “*dormiam até alto dia*” e passavam o resto do dia a vagarem, sem objetivos:

É na verdade para lastimar ver algumas de nossas meninas possuindo aliás os necessários elementos para tornarem-se excelentes mães de família e mulheres notáveis entregues ao torpor de uma má educação, dormirem até alto dia, levantarem-se maquinalmente e vagarem pelo meio da família em completo desalinho, sem uma idéia do nobre fim para que foram criadas, sem um estímulo para as crianças e a ordem que devia conduzir a ele.²⁶

Todas as posições sustentadas por Nísia Floresta poderiam ser assim resumidas: o progresso de uma sociedade depende da instrução que é oferecida à mulher e só a educação moral e religiosa, incentivadas desde cedo na menina, fariam dela melhor esposa e melhor mãe. Tal tese, vista com olhos de hoje, não apresenta novidades e até poderia sugerir um pensamento conservador. Mas se a analisamos lembrando a sociedade patriarcal de meados do século XIX, os preconceitos mouriscos que enclausuravam as mulheres nas próprias casas, a total falta de direitos de estudar, escolher o marido, criar os filhos e até de manifestar uma simples opinião, as idéias de Nísia Floresta crescem e adquirem uma dimensão inusitada, revelando uma mulher consciente que ousou erguer-se bem acima da mediocridade imposta ao seu sexo, publicando livros nos quais o defendia.

Mais tarde, Nísia recebeu o reconhecimento de seu trabalho prestado como diretora e educadora, pois o **Jornal do Comércio** e o **Mercantil**, nos anos de 1846 e 1847, respectivamente, publicaram notícias elogiosas sobre o aproveitamento das alunas do Colégio Augusto, salientando o valor intelectual de sua diretora.

Em 18 de dezembro de 1846, era publicado no **Jornal do Comércio do Rio de Janeiro**, a lista das alunas premiadas e das que receberam menções honrosas do Colégio, bem como a relação dos examinadores em diversas disciplinas. O nome da filha, Lúvia Augusta de Faria, aparece como uma das premiadas em latinidade.

Neste mesmo dia, na coluna **Comunicados**, há o testemunho de um dos examinadores, que tece elogios às alunas e principalmente à diretora e professora Nísia Floresta. Logo de início ele afirma que os elogios que faz ao Colégio não devem ser

²⁶ *Ibid.*, p. 120.

atribuídos “ao desejo de proteger ou de lisonjear a sua diretora”, pois não teria motivos para isso:

Despedindo-se de suas discipulas, por este ano, dando-lhes alguns dias de descanso e de folguedo, a Sra. D. Nlsia dirigiu-lhe uma carta de conselhos, inspirando-lhes o amor ao estudo e mostrando-lhes as vantagens encontradas no caminho da virtude e os perigos da má educação e das paixões violentas. O que acabamos de dizer não peca por exagerado: provamo-lo com as pessoas que concorreram aos exames e com as que fazem parte das famílias a que pertencem as disciplinas da Sra. D. Nlsia Floresta Augusta.²⁷

Mais tarde, no dia 23 de dezembro de 1846, na 4ª página, **O Mercantil**, publicou:

Assistindo aos exames por que passaram as alunas do Colégio Augusto, estabelecido na rua de D. Manuel, e não podemos dispensar de felicitar a sua diretora pelo aproveitamento de suas disciplinas. Fez exame de latinidade D. Lúvia Augusta de Faria Rocha, e tornou-se digna do prêmio que lhe foi distribuído. É a primeira menina que temos visto ler e traduzir perfeitamente o latim. Em diversas matérias fizeram exames muitas outras, e dentre elas mais se distinguiram e foram com justiça premiadas 24, pois mostraram desenvolvimento superior a idade, e saber as matérias em que eram argüidas

Grande era a concorrência e geral o sentimento de prazer, por já se ver entre nós um Colégio tão bem regularizado e dirigido por uma nossa patrícia. As meninas apresentaram-se com desembaraço, elegância e agradável seriedade, por imitação àquela que as educa como filhas, levando a sua bondade ao ponto de fazê-lo gratuitamente a algumas. Ao distribuir os prêmios e dar as férias, dirigiu a Sra. D. Lúvia Floresta Augusta uma carta de conselhos às educandas, na qual se apreciou a moralidade dos pensamentos, clareza de estilo e termos.²⁸

Outra importante matéria foi publicada neste mesmo jornal no dia 27 de dezembro na mesma coluna e página já citada, onde o autor procura mostrar aos pais que ao colocar uma filha em um Colégio ele deve ter o cuidado de não entregá-la a qualquer um sobre o pretexto de está levando a mesma a uma má educação e consequentemente a sua infelicidade. Veja a mesma que segue:

Ao confiar uma filha a um Colégio, o pai deve ter os mesmos receios que depois de entregá-la a um mal esposo. Se da boa ou má escolha de um esposo depende a felicidade ou o

²⁷ Cf. DUARTE. Op. cit., p. 33.

²⁸ CÂMARA,. Op. cit., p. 199.

infortúnio de uma senhora. Se irremediáveis são os males emergentes de uma infeliz, não menos são os da educação ou os que trazem os péssimos exemplos tidos quando a razão começa a desenvolver-se. Certos desta verdade, admiramos a felicidade com que, entre nós, se acredita na moralidade protestada num anúncio mais ou menos pomposo, de quem abre um Colégio, e sem mais exame se lhe entrega a educação de uma menina.²⁹

Foram matérias dessa maneira veiculadas nos principais jornais da época que fizeram com que a Nísia se tornasse cada vez mais conhecida devido aos seus trabalhos prestados à educação feminina, e que agora receberia o devido tratamento merecido por parte daqueles que tanto criticaram, tornado-se assim uma figura historicamente merecedora do seu reconhecimento pela sua capacidade e coragem de ter tido sempre em meta a luta em defesa dos seus direitos ou em outras palavras, dos direitos da mulher brasileira.

Nísia apresentava-se na sua época como uma revolucionária que desafiava o preconceito, imposto pela sociedade patriarcal, em defesa da liberdade e igualdade:

Nas letras, nos fins do século XIX, aparecia uma Carmen Dolores, depois uma Júlia Lopes de Almeida. Antes delas, quase que só houve bacharelas medlocres, solteironas pedantes ou simplórias, colaboradoras do "almanaque de lembranças luso-brasileiro", e assim mesmo foram raras. Nísia Floresta surgiu como uma exceção escandalosa. Verdadeira machona entre sinhazinhas dengosas do meado do século XIX. No meio dos homens dominando sozinhos todas as atividades extradomésticas, e as próprias baronessas e viscondessas mal sabendo escrever; aos senhores mais finos soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quase Histórias do Trancoso, , causa pasmo ver a figura como a de Nísia.³⁰

Como introdutora das idéias feministas no Brasil, Nísia naturalmente realizou sua tarefa de mulher livre, anunciando ao Brasil e aos países por onde andou o perfil da moderna liberdade dos preconceitos e tabus que tanto sufocavam a sociedade feminina da época:

Deduzi que a futura Nísia Floresta seria a paisagem brasileira e europeia da modernidade Imperial às penúltimas décadas do século XIX. Nísia participou moralmente da unificação da Itália e fora adversária de Napoleão III. Vivera a Europa legitimista, romântica,

²⁹ Ibid., p. 200

³⁰ FREIRE, Gilberto, Sobrados e Mucambos, p. 134.

*parnasiana, conquistadora da África. Seus livros revelam o temperamento de uma educadora, de filhas e de alunas, orgulhosa da missão, através da existência.*³¹

4 - AS PREOCUPAÇÕES EDUCACIONAIS DE NÍSIA FLORESTA

Para melhor situar a autora no contexto educacional de seu tempo e compreender a extensão do seu pioneirismo, é necessário lembrar alguns aspectos da política governamental e certas prioridades então estabelecidas para a educação. É por demais conhecido que durante o Período Colonial não havia quase escolas no Brasil. Apenas os conventos e seminários se ocupavam em fornecer uma instrução àqueles que os procurassem, mas seu número era insuficiente para alterar substancialmente a costumeira indigência cultural. Se aos homens ensinava-se a ler e a contar, às mulheres bastavam os trabalhos manuais, pois o androcentrismo da família patriarcal se encarregava de excluí-las dos menores privilégios e reservava aos homens, naturalmente, todos os benefícios que a cultura pudesse trazer.

Mesmo na Bahia, centro cultural do Brasil colonial, a instrução feminina era totalmente descuidada. Não havendo na colônia escolas para meninas, só nos conventos poderia a mulher receber alguma instrução. Algumas moças da *camada senhorial buscavam, nos mosteiros de Portugal, a instrução, que aqui não poderiam obter.*³²

Com a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil surgem algumas poucas oportunidades de instrução laicas para mulher.

Informa Henrique Castriciano, que Debret, menciona dois colégios particulares em 1816, funcionando na Capital do Vice-reino. Obviamente, esta denominação não corresponde àquilo que modernamente se entende por Colégio. *“Tratava-se, na época, de senhoras portuguesas e francesas ensinando costura e bordado, religião e rudimentos de aritmética e de língua nacional às moças que recebiam em suas casas como pensionistas”*³³

A idéia de proporcionar instrução ao sexo feminino esteve na Constituição de 1823, ao projeto que visava declarar benemérito da pátria e condecorado com a ordem Imperial do cruzeiro, o cidadão que apresentasse, até o fim de 1823, o *“melhor tratado*

³¹ CASCUDO. Nosso Amigo Castriciano, p. 140.

³² CASTRICIANO, Henrique. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de. Henrique Castriciano de Souza (um Reformador Social), p. 39.

de educação física, moral e intelectual para a mocidade brasileira". Foi acrescentada, por proposta do deputado Maciel da Costa, à constituição de 1823 que foi, no entanto, sufocada pela dissolução da Assembléia e a Constituição Outorgada em março de 1824, pelo Imperador do Brasil que mencionava apenas: "*a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos*" e Colégios e universidades onde serão ensinados os elementos das ciências, belas-artes, itens 32 e 33, do título VII, das disposições gerais e garantia dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros.

Em 1827, surgiu uma lei referente à instrução feminina, embora fosse a primeira legislação concedendo à mulher o direito de instrução e constituindo-se um marco histórico, mas só admitia as meninas nas escolas de primeiro grau, reservando os níveis mais altos, liceu, ginásio e academia, para a população masculina.

O Colégio Pedro II, fundado durante o Período da Regência, excluía as meninas do ensino secundário oficial, ao qual vieram ter acesso somente neste século.

As primeiras Escolas Normais do país, como a de Niterói, em 1835, a de Minas Gerais, em 1840, a da Bahia, em 1841, e a de São Paulo, em 1846, até quase o final deste século, atendiam apenas à formação dos professores do sexo masculino e eram, na verdade, pouco mais que uma complementação ao primário. Não possuíam equivalência com o secundário e limitavam-se a reproduzir os conteúdos do ensino elementar, "*acrescentando uma rudimentar iniciação pedagógica*". Enfim, tratava-se apenas de um curso primário "superior", e como as professoras estavam impedidas por lei de freqüentar tal curso, se queriam saber um pouco mais deveriam contar com as poucas instituições femininas que podiam lhes oferecer uma habilitação ao magistério primário, tal como o Seminário de Nossa Senhora da Glória, de São Paulo, que ensinava a meninas sem recursos.

Só na década de 70, as Escolas Normais passaram a aceitar matrículas das moças, sendo que a Escola Normal da Corte, criada no Colégio Pedro II, apenas lhes oferecia cursos profissionalizantes, em 1880.

Por tudo isso, é compreensível que os relatórios oficiais trouxessem sempre comentários ou críticas relativas à incompetência das professoras ou à falta de condições materiais de funcionamento das escolas. Em seus escritos sobre a educação, Nisia Floresta tratará de todas essas questões, enfatizando algumas e revelando não só uma visão ampla e consciente acerca do problema educacional, como também seu

³³ CASTRICIANO. Op. cit., p. 39

empenho em contribuir para alterar tal quadro de modo que as mulheres de seu tempo pudessem ter acesso à educação.

Para melhor entender Nísia Floresta dentro desta contextualização é preciso mostrar o seu valor próprio, que surge como pedagoga ao fundar principalmente o Colégio Augusto, no Rio de Janeiro, modificando o sistema de ensino vigente e se insurgindo contra os métodos antiquados adotados nas escolas do país, em 1838.

As escolas de ensino primário tinham antes o aspecto de casas penitenciárias do que de casas de educação. O método da palmatória e da vara era geralmente adotado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência. Não era raro ver-se nessas escolas o bárbaro uso de estender o menino, que não havia bem cumprido os seus deveres, em um banco, e aplicarem-lhe o vergonhoso castigo do açoite.

Se as meninas, que em muitos desses repugnantes estabelecimentos eram admitidas de comum com o outro sexo, ficavam isentas dessa sorte de barbaria, não deixavam entretanto de presenciá-la por vezes, e de receber uma impressão desfavorável, que muito concorria para enervá-lhes por vezes a delicadeza e modéstia, que de outra sorte dirigidas tanto realce dão às qualidades naturais da mulher.

Neste sentido, Nísia fora contrária a essa educação, revelando-se uma grande educadora, sem jamais temer o revide de seus antagonistas. Pois, a mesma, possuidora de uma personalidade edificante e de uma coragem invulgar, não temia as conseqüências que poderiam advir de suas idéias revolucionárias.

A partir do sentimento comum de que o século XIX representava para a sociedade burguesa o auge da civilização, todos pareciam concordar ainda que com interesses diversos que não era mais possível admitir que metade da população estivesse numa situação de inferioridade tão gritante, diante da outra que detinha em torno de si, todos os privilégios e poderes.

A educação das mulheres no Brasil, de princípios do século XIX, estava organizada ao redor da dicotomia européia entre a instrução e a educação. Aos homens se instruía, para desenvolver o intelecto. Às mulheres se educava, para formar o caráter. Não se considerava o desenvolvimento intelectual das meninas como benefício em si mesmo nem como meio de realização da personalidade individual.

O propósito principal da educação da mulher brasileira era conservar a pureza, em sua conotação sexual, e assegurar um comportamento correto perante a sociedade.

Para Nísia, um dos objetivos fundamentais da educação religiosa e moral superior *“haveria de ser ensinar às mulheres a instruir os seus filhos e a assumir os deveres naturais de mãe”*³⁴

Contemplando a Educação Brasileira como completamente deficiente desde a base, Nísia Floresta acreditou que o componente religioso e moral do sistema inglês continha os princípios fundamentais que deveriam servir de inspiração à Reforma Educacional Brasileira. Se a religião e a moralidade fossem a causa final da educação, as mulheres seriam instruídas no desenvolvimento da verdadeira virtude desde a tenra idade.

A religião reforça as naturais qualidades femininas, sustém e consola a mulher nas circunstâncias mais difíceis da vida, é uma bússola invariável que lhe indica seus deveres e a leva a cumpri-los. Lamentavelmente, a educação religiosa, tal como se levava a efeito no Brasil da época, também deixava a desejar e é criticada pela autora. A moralidade relaxada do clero brasileiro, seu comportamento depravado e seus costumes preguiçosos são indicadores do estado geral da decadência do Brasil na metade do século XIX.

A educação da mulher inglesa é, como a liberdade política dos ingleses, fundada em sua moral, e, assim como a verdadeira base de um governo é a liberdade política, conforme observa o ilustre autor de *O Espírito das Leis*, Montesquieu, assim também a religião deve ser a base da educação da mulher.

Os dois grandes admiradores da constituição inglesa e dos costumes da Inglaterra, Voltaire e Montesquieu, nas brilhantes páginas que escreveram a respeito, não quiseram dar uma prova de imparcialidade, atribuindo também a influência da educação da mulher o engrandecimento daquele povo.

O primeiro assinala essa opinião nos “sarcasmos” contra todas as mulheres, com os quais julgava punir aquela que lhe havia consagrado a vida. O segundo, em seu admirável livro *O Espírito das Leis*, assim se expressa: *“A natureza, que distinguiu os homens pela força e pela razão, não entregou ao seu poder outros meios que os da razão e da força. Às mulheres, concedeu as qualidades do atrativo e quis que a sua influência termine onde termine esse atrativo”*³⁵

A própria Nísia afirma que testemunhou

³⁴ FLORESTA. Opúsculo, p. XXXVI.

³⁵ Ibid., p. 28.

*o empenho dos homens pensadores das nações cultas em harmonizar a educação da mulher com o grandioso porvir que se prepara para a humanidade. Nada porém, ou quase temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das nossas mulheres, a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada.*³⁶

Mas um moralista, comenta Nísia,

tem estabelecido o princípio que julgamos ter já demonstrado, isto é, que a educação da mulher muita influência tem sobre a moralidade dos povos e que é ela o característico mais saliente de sua civilização". Isto posto, indaguemos, à vista do estado atual da educação das nossas brasileiras, quais os meios que se tem empregado, há mais de três séculos, para promover o seu desenvolvimento, em ordem a conseguir os resultados felizes que dela se deve esperar, quando dirigida por instituições sábias e liberais.³⁷

As excelentes qualidades que se perpetuavam, muita vez em famílias patriarcais, atraindo-lhes a estima geral, permaneciam, entretanto, como o diamante não lapidado, ocultando seu verdadeiro brilho.

Assim, como um governo paternal é o mais próprio a fazer a felicidade dos povos e a inteligência destes, devidamente cultivada, o melhor incentivo para o exato cumprimento de seus deveres, assim também a educação moral é o guia mais seguro da mulher, a estrela polar que lhe indica o Norte, no frágil batel em que ela tem de navegar por esse mar semeado de abrolhos, a que se chama vida.

A falta de uma boa educação é a causa capital que contribui para que a mulher, no meio da corrupção da sociedade, perca esse norte, o qual não é outro mais que a moral e todos aqueles que têm escritos sobre a educação da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a debaixo do ponto de vista puramente material, não têm feito mais do que tirar-lhes toda a dignidade de sua natureza.

As mulheres assim educadas seriam próprias para fazer as delícias de qualquer "epicurista em um harém", mas cremos, afirma, "que nenhuma de nossas brasileiras amará semelhante existência, a não ser a que é indigna de outra melhor".

³⁶ FLORESTA, Op. cit., p. 44.

³⁷ Ibid., p. 46.

Dizia-se geralmente que ensinar a mulher a ler e escrever era proporcionar-lhe os meios de entreterem correspondências amorosas, e repetia-se, sempre, que a costura e os trabalhos domésticos eram as únicas ocupações próprias da mulher.

Este pensamento não era vulgo apenas no Brasil, à época de Nísia, tinha ela mesmo conhecimento de que este

“prejuízo estava de tal sorte arraigado no espírito de nossos antepassados, que qualquer pai que ousava vencê-lo e proporcionar às sua filhas lições que não as daqueles misteres, era para logo censurado de querer arrancar o sexo ao estado de ignorância que lhe convinha.”³⁸

5 - VIAGENS DE NÍSIA À EUROPA:

5.1 - A Primeira Viagem à Europa: 1849 - 1852

Em 7 de setembro de 1849, a filha Lívia sofria um acidente ao cair do cavalo que a conduzia à casa do tio Joaquim, no Andaraí. O Dr. Cândido Soares de Meireles, eminente médico da Corte, após semanas de tratamento, aconselha urgente mudança de ares. Nísia resolve, então, ir para Europa com os dois filhos, o que fez em 2 de novembro a bordo da galera francesa Ville de Paris.

Naturalmente, não faltou quem acreditasse que a saúde da filha fosse apenas o pretexto para que Nísia se ausentasse do país. Com efeito, a campanha difamatória que havia nos jornais, mais a publicação e o conseqüente sucesso de um livro que elogiava uma revolução contrária aos interesses do Imperador eram motivos mais que suficientes para alguém se sentir pouco à vontade na Corte e querer sair do país.

O jornal *O Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, por exemplo, em 14 de setembro de 1954, numa matéria a respeito do traslado dos despojos de Nísia Floresta para o Brasil, deu a seguinte explicação para esta viagem repentina:

Dr. Soares médico da Corte teria agido assim por insinuação de pessoas interessadas em afastar Nísia Floresta do Brasil. Uma mulher que pregava o feminismo, a abolição e a república, em 1849, devia constituir naturalmente algo de incômodo para a segurança da ordem no Brasil Imperial, ainda sob o impacto de tantas guerras civis. Nísia seria vista como uma

³⁸ *Ibid.*, p. 67.

*agitadora perigosa nessa sociedade escravocrata, em que as mulheres também viviam numa espécie de escravidão, sob o signo do regime patriarcal.*³⁹

O que importa agora é que, em 24 de dezembro, após 52 dias em alto mar, a galera chegava em Ville du Havre e conduzia Nisia Floresta para aquela que era talvez a mais importante capital européia, onde moravam os mais famosos escritores daquele tempo. Nisia estava chegando, com duas crianças, ao conturbado clima parisiense, ainda não de todo refeito das revoluções de junho do ano anterior.

Na seção de passaportes de Archives Nationales de France, entre os passageiros que chegavam do estrangeiro com passes provisórios, ainda hoje está registrado: “Mme Augusta, Nisia Floresta Brasileira - 39 anos, acompanhada de seu filho e sua filha. Origem: Rio de Janeiro. Domicílio real: Rio de Janeiro. Destino: Paris. Profissão: “Retière”.

Em julho de 1851, Nisia Floresta vai ao Chateau de Madri, no Bosque de Bolonha, despedir-se de um amigo ilustre, o famoso Lamartine, pois tinha resolvido sair da França e viajar. Em agosto, ela viaja para Portugal e durante seis meses, até janeiro do ano seguinte, visita este país. Apenas em 27 de janeiro de 1852, embarca em Lisboa, no navio inglês a vapor “Treviot”, rumo ao Brasil.

No dia em que chegou ao Brasil, no mês de fevereiro, uma feliz coincidência juntou-se a este acontecimento, o nascimento de sua sobrinha, a filha de Clara e do Dr. Henrique de Medeiros. Os pais, em homenagem a Nisia e a sua filha, deram à menina o nome de Livia Augusta.

Mas, a chegada de Nisia não foi festejada apenas pelos familiares. O **Jornal das Senhoras**, do dia 22 de fevereiro, também saúda a escritora e permite-nos conhecer um pouco do que havia feito naqueles anos na Europa, pois, com certeza, foi a própria Nisia quem forneceu ao periódico as informações publicadas, sob a impressão de Dona Joana Paula Manso de Noronha:

Sentimos o vivo prazer em anunciar às nossas assinantes a chegada da Sra. D. Nisia Floresta Brasileira Augusta, tão conhecida entre nós pela sua inteligência e ilustração; tão respeitada pelo seu longo magistério, há 16 anos, empregado com desvelo na educação de suas patricias; e tão louvável e digna de nossa admiração por sua dedicada constância ao amor e à sabedoria e ao engrandecimento de sua pátria. A Sra. D. Nisia estava ausente de nós há dois

³⁹ DUARTE. Op. cit., p. 47

*anos e meio, viajando neste intervalo à França e à Inglaterra, onde visitou os melhores Colégios de instrução, os mais abalizados literatos, garrets, castilhos e outros varões respeitáveis na ciência. Está entre nós a Sra. Nísia, demos-lhe um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo.*⁴⁰

5.2 - Segunda Viagem à Europa: 1856 - 1872

Em 10 de abril de 1856, Nísia Floresta seguia para a segunda viagem à Europa, acompanhada apenas por Livia. Augusto Américo permaneceria no Rio, estudando. Embarcou no vapor Francês “Cadix”, em direção ao Havre, para uma longa temporada em terras estrangeiras.

Naquele momento, ela talvez não imaginasse como seria longa esta ausência. Só depois de dezesseis anos tornará a ver aquela paisagem carioca de que tanto gostava, bem como os parentes que ficaram no cais.

O Colégio Augusto ainda anunciou seus cursos nos jornais deste ano, mas foram estas suas últimas notícias. Após dezessete ou dezoito anos de funcionamento, o Colégio Augusto fechava finalmente, suas portas. Enquanto isso, Nísia já estava na Europa e, mais precisamente, em Paris. Em 1856 e no ano seguinte, nossa escritora se aproximou do filósofo Augusto Comte recebendo-o algumas vezes em sua residência, o primeiro à Rue d’Enferm, 11 e o segundo à Rue Royer Collard, 9, que por sinal, ficava próximo do Jardim de Luxemburgo, da Sorbonne e do endereço de Augusto Comte, na Rue Monsier Le Prince, 10.

Também é desta época a correspondência trocada entre eles, zelosamente guardada pêlos adeptos do Positivismo no Brasil e na França.

Estes foram meses particularmente movimentados, pois Nísia Floresta visitou, em um curto espaço de tempo: Roma, Napoles, Florença, Veneza, Milão, Torino, Pádua, Mântua, Pisa, Monbasílio e Mondovi. Em 1859, às custas da Associação da Propaganda de Valença, imprimia-se a segunda edição italiana do **Consigli a mia Figlia**, a mando do bispo de Mondovi, para uso nas escolas de Piemonte. O Bispo havia pedido à autora que modificasse a linguagem que ele julgou ser forte demais, em alguns momentos, para uma menina de 12 anos. Mas Nísia negou-se a alterar, sequer, uma

⁴⁰ Cf. DUARTE. Op. cit., p. 39.

única vírgula do texto original. E o Bispo, convencido de que a autora estava com a razão, ordenou a reimpressão da obra na íntegra tal qual havia sido concebida.

E Nisia continuava viajando. No dia 7 de maio de 1859, partiu para a Grécia e visitou Elêusis, Esparta, Atenas, Argos. Depois viajou pela Sicília e conheceu Palermo, Siracusa, Catânia, Messina, e outras tantas cidades da Magna Grécia. Quando completou 50 anos de idade, Nisia Floresta instalou-se em Florença.

Em 1º de junho de 1861, ela regressou a Paris, para novamente montar residência nesta cidade depois de três anos ausente. Estes anos, que passou principalmente viajando por cidades italianas, com algumas residências em Roma, Veneza e Florença, foram ricos de experiência. A escritora, naturalmente, não deixava de fazer suas anotações e suas reflexões.

Dentro em breve, esta longa estada em terras italianas tomou a forma de um livro, que ela intitulou *Trois Ans en Italie, suivis d'un Voyage en Grèce*.

5.3 - Terceira e última Viagem à Europa: 1875 - 1885:

Mas a vida em Paris, naquele início da década de 70, estava ameaçada, principalmente, com a chegada da Comuna ao poder, formando um governo republicano e socialista. O presidente Adolphe Thiers tenta reagir reunindo um exército e ordenando o bombardeio da capital.

Após uma sangrenta luta, a Comuna é aniquilada em 29 de maio de 1871, com a execução de centenas de rebeldes e a deportação dos sobreviventes para a nova Caledônia e a cidade permaneceu em uma convulsão social.

A precipitação destes acontecimentos levou Nisia a aceitar o convite da família Saint-Marc para hospedar-se algumas semanas em sua residência em *Bourg-La-Reine*, fora de Paris e longe dos conflitos.

Ao retornar, é dramática a situação em que encontrou o seu apartamento:

Tendo sido, minha querida filha e eu, testemunhas de uma guerra sem igual nos tempos modernos, das peripécias e calamidades de um cerco atroz, o qual fui escrevendo, a cada dia, os tristes detalhes que o meu carinho pela França me proíbe revelar, e tendo presenciado; enfim, todos os horrores do que se chamava impropriamente a Comuna, nós abandonamos Paris, nossas boas amigas e tantas outras pessoas distintas, cujo convívio havia

suavizado, de uma certa maneira, a nossa angústia durante o longo cerco que nos deixaram sem notícias dos nossos queridos do Brasil.⁴¹

Desgostosa com a situação, Nisia vendeu seus pertences e deixou definitivamente Paris. Segue primeiro para Londres com a filha e depois de alguns meses para Lisboa, onde fica à espera de melhor época para embarcar, mais uma vez, para o Rio de Janeiro. Desta vez Livia não acompanhou, sua mãe, pois resolveu ficar mesmo só na Europa.

Em 23 de maio de 1872, a revista **O Novo Mundo**, de J. C. Rodrigues, publicava, em Nova York, uma matéria que trazia uma extensa notícia biográfica de Nisia, acompanhada de um retratado que, sem dúvida, deve ter contribuído para torná-la ainda mais conhecida em seu tempo:

D. Nisia Augusta, ao que nos dizem, conta perto de sessenta e dois [anos], e é realmente um prazer fazer-se um retrospecto da sua vida e achar-se-á toda ocupada de trabalhos elevados e úteis, que bem mostram que ainda entre nós a mulher não foi feita somente para criar filhos e encerrar todas as suas aspirações no círculo das afeições domésticas e que, portanto, "a mulher não precisa saber muito". Se há um "direito das mulheres" que de todo o bom grado lhe concederíamos em toda parte, se pudéssemos, é o de se ilustrarem, como lhes aprouver, e atirarem aos ares o jugo da ignorância em que nós, os casacas as queremos conservar.

*(...) Na sua mocidade, foi professora por mais de vinte anos em várias cidades do Brasil, tendo sempre lutado contra à rotina do ensino das meninas. Em 1854 foi para a Europa, onde seus talentos superiores revelados em muitos escritos publicados em várias línguas. (...)*⁴²

E, finalmente, após dezesseis anos no exterior, em 31 de maio de 1872, Nisia desembarca do vapor Inglês "Neva", no Rio de Janeiro.

Com tantos anos ausente, é claro que Nisia tenha encontrado algumas novidades no Brasil. A Campanha Abolicionista, por exemplo, finalmente tornou-se um movimento dinâmico que atuava através de sociedades e jornais e contava com pelo menos um líder, Joaquim Nabuco.

A sua estada em terra brasileira passou rápida. Em 24 de março de 1875, após trinta e três meses e 27 dias, pouco mais de dois anos, Nisia Floresta retornava à

⁴¹ Ibid., p.55

⁴² Ibid., p. 58.

Europa, tendo com seu primeiro destino a Inglaterra, onde Livia Augusta a aguardava; há alguns meses, seguiu para Lisboa.

Assim, quando em 9 de novembro, Joaquim Pinto Brasil morre de pleuropneumonia, no Rio de Janeiro, sua irmã já estava longe e só recebeu a triste notícia semanas depois em Ventnor, uma cidade no Sul da ilha de Whites, também conhecida como a Nice Britânica.

6 - ABORDAGENS EDUCACIONAIS: CONSELHOS OU DOUTRINAS

As preocupações educacionais de Nísia seriam formar e modificar a consciência feminina para alterar o quadro ideológico social que lhe é imposto.

A questão da educação é, precisamente, um dos temas que com mais frequência encontramos ao longo da produção intelectual de Nísia Floresta, veiculada tanto em discurso e novela, como em ensaios e colaborações jornalísticas.⁴³

Uma das primeiras grandes preocupações de Nísia, encontramos em 1832, quando contava apenas 22 anos de idade, ao “verter” do francês para o Português o “**Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens**”, da autoria de Mistriss Godwin, publicado na Cidade do Recife, quando residente em Olinda.

Existem duas diferentes abordagens da educação nisiana: textos veementes, com nítidas tonalidades panfletárias e textos mais contidos expressando o tom afetuoso de mãe para com a filha ou o de professora zelosa para com as suas alunas. Na primeira abordagem encontram-se o “**Opúsculo Humanitário**”, publicado no Rio de Janeiro, em 1853, e “**A Mulher**”, publicado em 1857, nos quais Nísia faz uma síntese das críticas à Educação, as propostas de mudanças e os principais argumentos em defesa de suas próprias idéias.

Na segunda abordagem, em tom meigo e persuasivo, falando diretamente à mocidade, encontram-se o “**Conselhos à minha filha**”, publicado no Rio de Janeiro, em 1842, o “**Discurso que às educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta**”, no Colégio Augusto, em 18 de dezembro de 1847, publicado no Rio de Janeiro no mesmo

ano, as novelas “Dacy, ou a Jovem Completa” e “Fany ou o Modelo das Donzelas”, publicadas no Rio de Janeiro, em 1847, e “O Abismo sob as Flores da Civilização”, publicado em Florença, em 1859.

Em 1842 foi publicado “Conselhos à minha filha”, pela Typografia de J. E. S. Cabral, do Rio de Janeiro, com 32 páginas, sob o pseudônimo F. Augusta Brasileira. Os conselhos foram dedicados Livia Augusta como presente pelo aniversário de doze anos e tiveram uma repercussão bem maior do que talvez Nisia Floresta, como escritora, podia imaginar ao concebê-los. Aliás, será este trabalho de Nisia que teve o maior número de edições.

Em 1845 saía a segunda edição dos “Conselhos”, no Rio de Janeiro, pela Typografia de Paula Brito, acrescentada de quarenta pensamentos em versos. Na biblioteca Nacional do Rio de Janeiro encontra-se um único exemplar existente desta edição. E em 18 de janeiro de 1846 era publicado no jornal do Comércio do Rio.

Em italiano a primeira edição é de 1858, publicada em Florença e a segunda em Mondovi, e também para o francês, ambas em 1859.

No prefácio de “Conselhos”, Nisia esclarece que os ensinamentos constituem o seu presente de aniversário para a filha que completava doze anos. Por Nisia os considerar úteis, preferiu-os, ao invés de uma linda alfaia. Também contribuiu o fato de Nisia considerar tal presente como sendo mais digno da filha e de sua ternura. No mesmo encontra-se, ainda, a louvação do sentimento maternal que se converterá, numa autolouvação, considerado como o único, imenso e verdadeiro, ao qual todas as afeições são inferiores. Enfim,

*o sentimento maternal está além de todas as paixões humanas. Só uma mãe é capaz dos maiores sacrifícios sem outras vistas, sem outra recompensa mais do que o seu próprio. (...) Só uma mãe ama a seus filhos com um inteiro e verdadeiro desinteresse. Ela o ama feliz, se ele é virtuoso, desgraçada se ele não o é; mas o ama sempre e o ama então com um sentimento mais poderoso, a compaixão!*⁴⁴

Assim, com o pretexto de dar conselhos à filha, Nisia inicialmente trata do seu amor materno por ela, contribuindo para a fixação e normalização de um comportamento e de um sentimento que, naquela época, convinha propagar. Apesar da

⁴³ Ibid., p. 199.

⁴⁴ Ibid., p. 35.

crença dominante de que o amor-materno sempre havia existido e de que era “natural” na mulher, de alguma forma intuir-se que isto não significava que ele existisse necessariamente em todas as mulheres, haja vista o número crescente de filhos enjeitados e os altos índices de mortalidade infantil.

As mulheres primeiro trancafiadas nas alcovas, depois envolvidas pelo mundanismo pareciam não se interessar pela sorte das crianças e menos ainda queriam se conscientizar da importância do seu papel nessa questão.

Nísia Floresta, acompanhando as preocupações dos filósofos, dos moralistas e dos médicos da época, abraça também, neste e noutros trabalhos o ideal de transformar a mulher indiferente em mãe amorosa e responsável. Por tudo isso, encontra-se, aqui, a exaltação da figura materna e a elevação de mãe para o título mais nobre, o que exprime por si só todos os sentimentos da alma, as sublimes e puras afeições, o único capaz de dar a verdadeira importância à mulher.

Se há no mundo um título que enobrece à mulher, é sem dúvida o de mãe; é ele que lhe dar uma verdadeira importância na sociedade. Feliz aquela que o sabe dignamente preencher sentindo toda sua grandeza, todas as suas obrigações! Doces obrigações, cujo exercício tanto ameniza o frágil caminho da vida e faz suportável o peso seu à triste, que a desgraça oprime!⁴⁵

A autora atribui ao seu amor materno o gosto pelos estudos, pois tinha esperança de poder gozar um dia da aventura de dar à filha as primeiras lições. As mulheres deveriam instruir-se não por prazer ou para emancipar-se, mas porque um dia seriam responsáveis pela educação dos filhos.

No “Discurso” esperava Nísia Floresta que as suas educandas fizessem bom uso da instrução, de que tanto precisava o sexo feminino, afim de facilmente preencher os sagrados deveres que lhe impõe a natureza e a sociedade. Apesar de dirigir-se às alunas e aos pais presentes na solenidade, Nísia dá testemunhos de sua condição materna ao mencionar as aflições que havia passado pelo fato de sua filha haver adoecido naquele ano de 1847.

O “Conselhos”, o “Discurso” e o “Abismo sob as Flores da Civilização”, estão intimamente ligados à questão educacional e pretendem transmitir ensinamentos através de exemplos de conduta considerados ideologicamente positivos, ao mesmo tempo em que condenam outros por serem prejudiciais à sociedade.

⁴⁵ FLORESTA. Conselhos, p. 36.

Quando elege determinadas “virtudes” como “adequadas” ao comportamento das meninas, das mulheres e dos jovens, Nísia define-se também com relação aos valores que apoia e quer ver normatizados. Tais valores, eram principalmente aqueles divulgados pelo moralismo cristão e endossados pela medicina higiênica, voltados para a garantia do controle do corpo e do espírito dos jovens.

O poder médico adquiria importância como condutor dos interesses sócias devido às alianças com os demais poderes e estabilizava a conduta física, intelectual, moral e até sexual dos membros sociais visando sua adaptação ao sistema político e econômico.

Como fizeram outras mãe-educadoras, Nísia Floresta dirigiu seus textos ora para a filha e às meninas em geral, ora para o filho e os jovens, ora, ainda, para as alunas do seu Colégio e para as mães de família.

O tom que perpassa pelos escritos é sempre o de “conselheira” que, conforme as circunstâncias, adquire um aspecto afetuoso, protetor, tanto no “**Conselhos**” quanto no “**Discurso**” e, em “**O Abismo**”, um tom quase doutrinário ou ameaçador.

Estas narrativas também têm, em comum, o fato de conterem informações de ordem biográfica. Nísia Floresta apresenta-se, como uma mãe dedicada e extremosa bem de acordo com a imagem idealizada da mulher na época e que aparece em diversos escritos, como esposa saudosa, como filha querida e obediente e como professora zelosa. Mostra-se, enfim, em suas alegrias, aflições, melancolia e sonhos.

O “**Conselhos**” foi traduzido e teve mais edições, em virtude de representado não só o paradigma ideal da adolescente e o incentivo à prática de deveres e às “virtudes”, que se esperava de uma menina, mas também o comportamento dedicado e amoroso que uma filha tivesse para com a sua mãe.

A vaidade ou o orgulho da função materna parecem não permitir que Nísia esquecesse de si mesma em nenhum momento, confirmando-se em lembranças da própria infância, do seu amor e da dedicação aos pais e irmãos menores. Por isso a abundância de expressão como “*tua sensível mãe*”, “*terna mãe*”, “*triste mãe*”, “*meus solícitos e ternos cuidados*”, “*minha vigilante termura*”. Dessa mesma vaidade ela retirou a autoridade para auto-intitular-se única guia, melhor amiga de infância de Lúvia Augusta e exigir confiança absoluta, quando aconselha a filha de “*que o menor, o mais insignificante segredo não ache asilo contra ela a mãe em teu coração*”⁴⁶

⁴⁶ Cf. DUARTE, Op. cit., p. 225.

Finalmente, na última parte do livro, encontra-se um outro tipo de conselhos que se distingue frontalmente dos primeiros: o ensinamento de mulher para mulher. Neste momento, a escritora pretende passar à menina-moça sua experiência feminina com relação aos homens e os conhecimentos que tem da psicologia do conquistador.

Também no “**Discurso**”, encontra-se esta preocupação com a ingenuidade das moças, diante das artimanhas dos homens para seduzi-las. Nísia teme a influência dos falsos elogios e da lisonja sobre o espírito jovem e tenta alertá-las.

A orientação segura da mãe ou melhor, da mulher, baseia-se, como se vê, não só na experiência, como também numa “*filosofia dos costumes*” que a menina não possui, e por isso, principalmente, necessita de “*um guia esclarecido*” que a “*desvie dos perigos*”⁴⁷.

No ano de 1847, nada menos que três novas publicações de Nísia vieram à luz, no Rio de Janeiro.

“**Fany ou O Modelo das donzelas**”, foi publicado em 8 de abril, pelo Colégio Augusto e no Jornal do Comércio, de 5 de abril, já aparecia o anúncio deste trabalho intitulado “**História Moral**”, sob a autoria de “*por uma Brasileira*”.

Apesar de desaparecido também por muitos anos, um manuscrito foi descoberto e doado ao pesquisador Fernando Osório que o incluiu em “**Mulheres Farroupilhas**”, publicado em 1935, em Porto Alegre.

Neste obra temos a História de uma adolescente, a Fany, que reúne todas as qualidades então desejadas em uma jovem, como a beleza, o amor pelos humildes, a obediência aos pais e o sentimento material aos irmãos menores.

Fany deve ser considerada uma novela de cunho didático-moralista, pois conserva bem nítida a intenção autoral de servir de leitura para a juventude feminina em geral e, em particular, para aquela do Colégio Augusto. Deve ter sido, em seu tempo, o que se denomina-se uma “leitura paradidática”, isto é, uma leitura indicada para se realizada como um trabalho escolar. Esta modalidade literária esteve por longo tempo vinculada à pedagogia, pois continha o propósito explícito de contribuir na *formação* dos educandos através da estereotipia dos bons exemplos morais que se queriam transmitir à mocidade.

A adolescente que Fany representa, a jovem perfeita, não será nunca, evidentemente, uma mulher como as que surgem no texto “**A Mulher**”. A mãe que

⁴⁷ Ibid., p. 226.

abandona o filho revela, com seu gesto, não ter tido uma formação “sólida”, nem recebido os exemplos maternos e escolares que estiveram presentes na educação de Fany.

A história da vida de Fany passa-se em Porto Alegre durante o episódio histórico da Revolução Farroupilha (1835-1845), acontecimento vivenciado em parte pela autora, por ocasião do início dos conflitos entre os revoltosos e o Exército Imperial, nos permitindo conhecer uma versão, acerca do episódio. A personagem principal é uma adolescente, primogênita de numerosa prole, cujos pais se engajaram ao lado dos farrapos. O pai tornando-se chefe de um grupo e a mãe, uma entusiasta das idéias liberais e que apoia, irrestritamente, o marido em suas expedições.

O fato desta narrativa estar vinculada aos acontecimentos de 35, em Porto Alegre, parece ter sido suficiente para que ela fosse considerada apenas enquanto uma crônica da Revolução Farroupilha e passassem despercebidas as reais intenções de sua autora e, inclusive as opiniões acerca do episódio. Assim, lembrando as famosas “conferências republicanas a favor da federação” feitas por Nisia Floresta no Rio de Janeiro em 1842, poderemos identificar o texto com os ideais farroupilhas.

“Dacy ou A Jovem Completa”, é uma historieta oferecida às educandas do Colégio Augusto e que, curiosamente, é citado pelos críticos como tendo sido impresso em julho de 1847, pela Typografia de Paula Brito ou pela Typografia do Mercantil ou, ainda, pela Typografia de F. de Paula. Mas a dúvida é se teriam existido as três edições.

E a terceira publicação, o “Discurso que às educandas dirigiu a Nisia Floresta Brasileira Augusta”. Este discurso havia sido pronunciado no dia 18 de dezembro, no encerramento das aulas do Colégio Augusto e foi impresso pela Typografia Imperial de F. de Paula Brito.

Folheando ainda os jornais, encontra-se na seção variedades do Diário do Rio de Janeiro, de 2 de fevereiro de 1854, um artigo intitulado “A Mulher”. Este artigo, anônimo, traz várias expressões e as mesmas exaltações dos papéis de esposa e mãe que Nisia Floresta desenvolvia em outros trabalhos, como no recente “Opúsculo Humanitário”.

Em “A Mulher”, Nisia Floresta revela-se uma desvelada mãe, feminista, essencialmente, e grande educadora, reivindicando os direitos para a mulher,

combatendo os erros da sociedade que restringe a sua atuação e traça o verdadeiro caminho de mãe, esposa e filha.⁴⁸

O “**Opúsculo Humanitário**” consiste, na realidade, numa coletânea de 62 capítulos, provenientes dos artigos que foram publicados primeiro, parcial e anonimamente, no Diário do Rio de Janeiro, em 1853, mesmo ano de sua publicação e, depois, com o livro já circulando, em O Liberal, de julho de 1853 a maio de 1854.

Como tais jornais eram respeitáveis e pertenciam à “grande imprensa” da época, tal fato torna-se ainda mais significativo. Embora tenha publicado o “**Opúsculo**”, durante cerca de três meses, o primeiro periódico não chegou a transcrevê-lo integralmente, o que foi realizado pelo segundo periódico durante cerca de dez meses consecutivos. Sem nenhuma dúvida, tratava-se um grande feito. Se pensarmos no alcance da imprensa nos meios letrados ou o quanto de prestígio era necessário para se manter uma determinada matéria durante tanto tempo em evidência nos meios de comunicação, mais importância ainda adquire o “**Opúsculo Humanitário**”.

Por esta e por outras colaborações, Nísia Floresta devia ser também considerada como uma das primeiras mulheres no Brasil a se utilizar da imprensa para a divulgação de idéias feministas, entendendo-se por “feminismo” toda ação consciente empreendida na defesa do sexo feminino.

No “**Opúsculo**”, encontra-se a síntese do pensamento de Nísia Floresta sobre a educação, tanto formal quanto informal, de meninas.

Pode-se também perceber através dele a grande erudição de Nísia, suas leituras, a sua experiência no magistério e na direção do Colégio Augusto ou, ainda os conhecimentos obtidos na viagem que havia feito a países europeus durante os anos de 1849 e 1851.

Neste livro, a autora recupera boa parte da história da condição feminina em diversas civilizações através dos séculos, da antiguidade clássica ao seu tempo, relacionando o desenvolvimento intelectual e material do país (ou o seu atraso) e o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade. Por fim, trata do Brasil, da mulher brasileira, das escolas para meninas. Aliás, este parece ser o motivo mesmo de toda a reflexão. Nísia Floresta defende a tese de que o progresso de uma sociedade depende da instrução educacional que é oferecida à mulher, através da educação moral e a religiosa incutida

⁴⁸ GRILO, Maria Simonetti Gadelha. Buscando a luz sobre Nísia Floresta, p. ,115

desde cedo na menina, fariam dela melhor esposa e melhor mãe, como também responsável pelos destinos do seu país.

Apesar da divulgação que este livro teve nos meios jornalísticos, poucos são os registros encontrados a respeito de sua recepção junto ao grande público. Alguns estudiosos de Nísia referem-se a pequenas notas publicadas nos jornais, nas seções “a Pedido”, contendo crítica ou endosso às suas idéias. Também mencionam comentários que Machado de Assis e Alexandre Herculano teriam feito, sem, infelizmente, informarem onde e quando se deram.

Do I ao V capítulo, a autora percorre as civilizações antigas e modernas comentando o lugar ocupado pelo sexo feminino, considerado como o “barômetro” que indicaria o estágio de civilização de cada sociedade. Assim, traça um amplo panorama da condição feminina desde a Ásia berço do gênero humano e da filosofia, onde ela a mulher era apenas a mais submissa escrava; passa pelo Egito e pela África onde apenas a beleza física era valorizada; até a Itália, a Grécia, os bárbaros do norte e os selvagens da América e da Oceania. Tece comentários acerca do regime feudal, do Tribunal do santo Ofício e dos cruzados medievais. Considerando que apenas a mulher educada na religião poderia influir positivamente sobre a sociedade e o que lhe importava era a “moralidade” dos povos. Nísia termina por não destacar o papel da mulher na Grécia, em virtude do paganismo dominante ter impedido que sua inteligência se voltasse para a mais nobre missão.

Do VI ao XVI capítulos, a escritora deteve-se na análise da História contemporânea, examinando o caso da Alemanha, da Grã-Bretanha, da França e dos Estados Unidos. As três grandes nações da Europa moderna recebem os mais entusiásticos elogios, principalmente a primeira, que teria dado à mulher “*privilégios reais*” e “*sólida educação*” e pode ser considerado o país por excelência nos respeitos tributados à mulher.

Na Alemanha, segundo Nísia, estariam as melhores esposas e melhores mães, pensadoras mais profundas, mulheres mais completamente educadas do que o são em geral as mulheres do Sul. A Grã-Bretanha, por educar nos severos princípios de uma sã e esclarecida moral, torna-a consciente de sua própria dignidade e da importância do cumprimento de seus deveres. Se a Inglaterra é o modelo da religião, do comércio e da liberdade, suas mulheres o são das virtudes domésticas e da nobre altivez do seu sexo.

Já a mulher francesa é apresentada com restrições, devido ao espírito de galanteio que dominaria o país.

Mas apesar do apreço que demonstra ter por estas nações, Nisia Floresta observa que ainda faltava muito para que elas alcançassem o aperfeiçoamento desejado na área da educação, mas no entanto, não especifica em que exatamente este nível de aperfeiçoamento consistiria.

As madames de Sevigné, de Maintenon, de Genlis e de Campan são citadas como prova de que a educação moral deve ser a base de toda a instrução da mulher, a fim de que ela não se desvie da senda das virtudes.

À América do Norte, refere-se como a poderosa rainha que se apresenta por último no palco da educação, que confessa só conhecer através das informações. O país que possui mais escolas primárias e secundárias, sociedades científicas e literárias, permite à mulher ocupar o verdadeiro lugar na ordem social e torna-se sempre amiga do marido, algumas vezes, seu conselheiro.

Do capítulo XVII e até o XXXIX, a Nisia, finalmente, trata da questão da educação no Brasil. Atribuiu à colonização portuguesa as causas determinantes do nosso atraso cultural, enumerou os preconceitos herdados da metrópole e conclamou a todos os brasileiros a agirem de modo a rever o quadro educacional.

O desejo de ver seu país ao lado das nações mais progressistas levava Nisia Floresta a desenvolver o tema da necessidade de educação, a provocar o debate entre os contemporâneos e a cobrar alguma coerência entre os projetos governamentais e seu alinhamento aos ideais liberais. Se a educação das meninas era uma bandeira liberal,urgia que o país assumisse o projeto.

É interessante observar como Nisia Floresta demonstra neste livro seu amor à pátria. Ao invés de enaltecer-lhe os potenciais, as belezas naturais, suas riquezas à flor do solo, como então determinava o ufanismo nacional, a escritora mostrou o outro lado da moeda ao apontar as falhas e os defeitos de sua civilização, o atraso cultural, a indiferença dos governantes, o caos educacional.

Mais adiante, ela faz o que pode ser considerado uma verdadeira declaração de amor à terra, que vem mesmo justificar a “Brasileira” que trazia anexado ao seu pseudônimo:

Amamos com religioso entusiasmo a nossa pátria, isto é, toda a vasta terra de Santa Cruz. Em qualquer ponto dela consideramo-nos em nossa pátria e os povos aí nascidos, nossos conterrâneos e irmãos. Que importa termos visto pela primeira vez a luz nesta ou noutra de suas províncias, se é o mesmo céu brasileiro que nos cobre, o novo verdejante solo que pisamos, e se o mesmo interesse comum nos reúne e fraterniza?

Todos os brasileiros, qualquer que tenha sido o lugar de seu nascimento, têm iguais direitos à fruição dos bens distribuídos pelo seu governo, assim como à consideração e ao interesse dos seus concidadãos”.⁴⁹

Este sentimento profundo de nacionalidade faz com que Nísia considere também, todos os nacionais homens e mulheres, ricos ou pobres mercedores de iguais direitos aos bens distribuídos pelo governo, tais como a educação e a instrução. É com este espírito que passa, então, a descrever nosso quadro educacional.

Nísia, preocupada com as escolas de ensino primário que pareciam casas penitenciárias, com as pessoas sem idoneidade ou capacidade comprovada que fundavam escolas e com a ausência de qualquer fiscalização por parte do governo, afirma que

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso país. Por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização em nossa terra atentem para os exemplos que a História apresenta do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher a esse importante trabalho. A espera de que, nas gerações futuras do Brasil, ela assumirá a posição que lhe compete nos pode somente consolar de sua sorte presente.⁵⁰

Enquanto no “Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens” Nísia rejeita sumariamente a idéia de uma revolução nos costumes, no Opúsculo Humanitário, gostaria que houvesse uma completa transformação no sistema educacional. Chega mesmo a afirmar que não poderá haver no Brasil uma boa educação da mocidade, enquanto o sistema de nossa educação, quer doméstica, quer pública, não for radicalmente reformado.

⁴⁹ FLORESTA, Nísia. Opúsculo, p. 130

⁵⁰ Ibid., p. 45.

Mas Nísia tem consciência de que os preconceitos arraigados no espírito do brasileiro eram ainda muitos. E enumera os mais freqüentes, tornando alguns capítulos deste livro quase que uma extensão do "Direitos". A fraqueza física, a incapacidade de reflexão, o natural gosto pelo adorno, citados pelos os homens, seriam apenas pretextos para que as mulheres fossem mantidas em estado de submissão. Os homens não tinham interesse em educar as mulheres para melhor dominá-las, pois afinal, quanto mais ignorante é um povo mais fácil é um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder.

Na crítica às escolas e ao ensino, Nísia utiliza dados oficiais do de 1852, do Quadro Demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e do Município da Corte e do Relatório feito à Assembléia Geral por Gonçalves Dias. Assim, ao fazer sua radiografia do ensino nacional, ela destaca os dados relativos às meninas e analisa os documentos oficiais, utilizando-se dessas informações contra o próprio governo. E termina por desmascarar a ineficiência das leis vigentes relativas ao ensino.

Finalmente, na última parte do Opúsculo Humanitário, do capítulo XI ao LXXII, temos o plano de educação para a mulher brasileira concebido por Nísia Floresta. Este plano parecia ser mesmo o objetivo primeiro do livro. É o momento em que melhor se percebe o jogo de forças e de influências a que Nísia cada vez mais preocupada, por um lado, próxima do pensamento liberal mais progressista e, por outro, limitada por sua formação religiosa aos ditames conservadores do catolicismo.

Em relação ao pensamento liberal mais progressista, Nísia defende a difusão em massa de escolas de primeiras letras para meninas em igual número das que eram criadas para meninos, exigindo uma fiscalização severa do governo na qualidade do ensino ministrado, protestando pelo impedimento do acesso feminino ao nível secundário de escolarização, denunciando as facilidades concedidas a estrangeiros para abrirem escolas e, também, lamentando o baixo nível intelectual da maioria das professoras.

Enquanto as obras "Conselhos", "Discurso" e tanto outras, apresentam uma Nísia "conselheira", "O Abismo sob as flores da Civilizações", é de um tom quase doutrinário ou ameaçador.

Este texto, datado de 1856, foi incluído em "Scintille d'un'Anima Brasiliana", publicado em Florença, 1859. Não há como saber se foi originalmente escrito em

Português ou em Francês, e mesmo se já havia sido publicado anteriormente na imprensa, pois não é conhecida nenhuma outra edição. Mesmo depois de estar residindo em Paris, desde de 1855, Nísia teve trabalhos publicados nos jornais no Brasil.

“O Abismo” é uma narrativa curta, dividida em seis pequenas partes, guardando, por um lado, certa semelhança com a crônica e o ficcional, principalmente pelo teor metafórico de sua linguagem e, por outro, escapa deste teor ao aproximar-se decididamente da prosa moralista e se posicionar claramente na defesa de um certo padrão de comportamento e condenação explícita do que considerava desvios sociais.

Nesta narrativa, Nísia relata um passeio ao anoitecer nas margens do Sena e o encontro com um grupo de prostitutas que, com música e em rústicas cabanas, haviam transformado um recanto do parque num *foire au Plaisir*. É, pois, com o objetivo de alertar e afastar os jovens desses “riscos” do abismo que ela escreveu o texto e a eles se dirige. Pretende preveni-los contra os “perigos” que ameaçam e que por eles não são percebidos devido à pouca experiência juvenil.

A autoridade que reveste os “conselhos” da educadora Nísia Floresta provém, principalmente, da condição maternal, quando confessa com insistência que escreve enquanto mãe, “*inspirada por minha santa mãe e mãe eu mesma*”

Os “perigos” e “vícios” que cercam os jovens estão metamorfoseados principalmente nas prostitutas que se oferecem, como as “modernas Bacantes”, as “miseras”, o “demônio que enfeitiça” ou, ainda, “a Megera enguirlandada”, os rapazes, jovens infelizes e incautos que urge prevenir e afastar do abismo onde se encontram.

Trata-se, Nísia, neste texto, da condenação explícita da luxúria e dos desvarios da carne, que ameaçariam não só a vida como também, através do jovem, a saúde da futura família.

A educadora endossa as teorias médicas que consideravam a prostituição um verdadeiro flagelo para a saúde pública, um perigo físico e moral, causa de doenças e devassidão dos costume, contribuindo, assim, para a condenação da prostituição e defendendo um outro tipo de relacionamento entre homem e mulher, este sim, permitido e incentivado socialmente: o sexo higiênico, realizado nos limites de casamento.

O tom aflito e maternal adotado no início, aos poucos se transmuda em ameaças veladas, já que a sífilis poderia ser adquirida em tais contatos e já que poderia haver possibilidades do incesto, caso o jovem encontrasse ali “*uma filha de vosso pai*”.

A sexualidade acobertada pelo amor e praticada nos limites do amor conjugal é, não só admitida, como até sugerida pelo texto. Esses jovens sim, é o que a autora parece dizer, passeiam no “*verdadeiro*” jardim das delícias.

Ao defender a ordem social “*nas modernas instituições*”, Nisia Floresta está garantindo, mais uma vez, a virtuosidade feminina e o “*sublime ofício de regeneradora do homem*” a ser desempenhado pela mulher. Daí sua condenação a tudo que pode abalar os valores da sociedade burguesa e conduzi-la ao “*precipício infernal*”. Por isso também a impaciência com os responsáveis pela “*mais importante de suas reformas: a educação da mulher*”.

Ao construir sua narrativa contrapondo “as flores”, a ordem e progresso, a “o abismo”, devassidão dos costumes e desordem, Nisia mais uma vez, contribuiu ao pensamento que pretendia ser o mais progressista de seu tempo.

7 - CONCLUSÃO

Ao longo do século XIX, na História da Educação no Brasil, era clara a sua dicotomia, de um lado encontravam-se aqueles que tinham o direito à Educação e do outro, evidentemente, os que não tinham acesso aos Processos Educacionais, por tratar-se de uma educação simplesmente masculinizada e elitizada, sobre o pretexto de que a presença da mulher na Educação constituía uma verdadeira ofensa ao sexo masculino.

A Educação Feminina no Brasil sempre esteve em segundo plano, por tratar-se de uma concepção ideológica tipicamente conservadora em consonância com a sociedade urbana industrial em formação.

Contrariamente a este ponto de vista, surge Nísia Floresta que busca através dos seus escritos romper com o preconceito de inferioridade que era imposto à Mulher Brasileira.

Apesar de se constituir numa iniciativa de cunho próprio, Nísia buscou incansavelmente em seus conceitos femininos, mostrar que jamais a mulher poderia ser inferior ao homem.

Embora saibamos que Nísia não seguiu uma única posição, pois usou de duas tonalidades diferentes: num primeiro momento buscou mostrar que era necessário uma expressão correta em que a Educação Feminina estava inserida naturalmente em um tom perfeitamente carinhoso e zeloso de uma professora e mãe, adotada, então, em seu Opúsculo Humanitário. Noutro momento, escreveu para a juventude em um tom mais aconselhável onde tenta fazer com que as meninas possam entender que a sua obra Conselhos à minha filha, dedicado especialmente à sua filha, servisse também de exemplo para as demais, por ser uma verdadeira cartilha de bons costumes e que seguida pelas mesmas constituía numa questão chave cuja educação era necessária.

Em termos educacionais Nísia ministrou aulas para meninas em Olinda, e fundou um colégio em Porto Alegre e, posteriormente, transferiu-o para o Rio de Janeiro. Para meados do século XIX, as idéias sobre a educação da mulher e sobre a mulher em geral, estavam na elaboração de Nísia, no limiar da consciência possível daquela sociedade.

Os espaços da informação, do saber e, por extensão, do poder, foram até as primeiras décadas deste século do âmbito exclusivo dos homens e como os trabalhos das mulheres eram sistematicamente omitidos, nas ontologias e pela própria História, costuma causar surpresa a revelação de nomes que romperam obstáculos de ordem cultural, social e moral, uma questão disputada por um espaço negado sem justificação por aqueles que se achavam talentosos intelectuais quando se pronunciavam a respeito da mulher.

É preciso, enfim, reconhecer que as profundas e definitivas mudanças que aconteceram no cotidiano feminino, no século passado até os nossos dias, foram de lutas travadas ao longo de todo o século XIX, como Nísia Floresta e outras, que só neste século mereceram o seu nome na História da Mulher Brasileira.



Nísia Floresta, Poetisa do século XIX, foi precursora dos direitos da mulher no Brasil

PARA RELER

Entre as mulheres ilustres que fulguram em nossa história nenhuma até agora teve a projeção de Nísia Floresta Brasileira Augusta, principalmente tomando-se em consideração o tempo em que viveu.

Nasceu ela em terras que são atualmente do município de Papari, a 12 de outubro de 1899, numa fazenda chamada "Floresta", de onde, talvez, tenha tomado "Floresta", de onde, não se sabe por que adotou o sobrenome de *Brasileira Augusta*. Pode bem ter sido metro devaneto de sua poética imaginação, perfeitamente justificado em virtude dos vócos condecoratos a que se capou, como exponents da mentalidade de que é capaz a sub-raça aqui reponhada à luz dos trópicos.

Também não se pode afirmar com segurança onde foi educada, preparando o seu espírito para os variados embates que defrontou, os problemas sociais que discutiu, sempre se havendo com invejável galhardia.

Depois de dezesseis anos foi residir em Pernambuco, e aí se dedicou ao magistério.

Interessada pelas questões que agitarham sua época, aos vinte e quatro anos publicou o seu primeiro livro *Direitos de Mulher*, que a colocou como precursora do Feminismo no Brasil. O Recife, porém, era pequeno para os

grandes vócos que seu espírito, avido de sensações ensaiava; transportou-se para o Rio Grande do Sul, que se encontrava em pleno efervescência da República Farrroupilha.

Algum tempo depois veio para o Rio de Janeiro, onde realizou conferências abolicionistas e republicanas, defendendo a liberdade de consciência, fulminando, enfim, com o seu verbo ardente todas as manifestações da iniquidade.

Difficil é apreciar nossa celebrada coetânea sob um só prisma, dada a feição multifária d' seu gênio verdadeiramente labado para uma época mais adiantada. Por esta razão, não encontrando ainda entre nós um ambiente que satisfizesse as suas aspirações, procurou-o em outras plagas: a Europa.

No Velho Mundo conviveu com os homens mais notáveis da segunda metade do século XIX: Almeida Garrett e Alexandre Herculano, em Portugal; Victor Hugo, Lamartine, Laboulaye, George Sand, além de outros, e, sobretudo, com Augusto Comte, fundador do Positivismo, na França, correspondendo-se com Manzoni e Garibaldi na Itália.

No seu livro *Conselhos a Minha Filha*, por ela mesma traduzido para o francês e o

Nísia Floresta

italiano, e por um bispo desta nacionalidade adotado nas escolas de sua diocese, revela-se mãe, amantíssima. Seu estilo é atraente, sóbrio, lírio da frase campenada, óca e obscura. E fluente e escriptorio.

Do patriotismo que lhe inflamava o peito dizem bem estas palavras que lhe caíram da pena, certo dia quando contemplava o mar Mediterrâneo: "Eu pensava em outro mar, mais vasto e mais majestoso, à beira do qual nasci e creci. Inspirei-me no murmúrio longínquo das suas vagas, sob o leque das altas palmeiras, em baixo das mangueiras gigantesas ou de jaqueiras folhudas, aguçadas pela brisa vespertina, que me inebriava com o delicioso perfume trazido dos bosques de jarangueiras, canelinas e tantas outras árvores e flores odorantes, que perpetuamente corream o meu querido Brasil."

De outra vez, ao refletir sobre a ignomina da "raça escravizada" em sua pátria, tem o seguinte brado de revolta no qual palpita a ressonância de violento protesto: "O pátria querida, Edra, deste mundo extraordinário, ah! deusa que rompe do teu nobre peito o grido humanitário que a custo sufoca, ante os deploráveis preconceitos que te transmitiram teus antigos dominadores; de além-mar! Se conseguisses com as livres instituições que te regem, com a religião que professas: queira,

CLEMENTINO CÂMARA

sim, quebra as cadeias dos teus escravos! Torna-te intelualmente digna, por esse ato de filantropia, da fama de generosa bondade que te não recusam aqueles mesmos que desconhecem as tuas virtudes. Senhores de escravos do Brasil: mostrai-vos dignos desse solo abençoado em que viveis, fazendo desaparecer daí a maior vergonha dos povos cristãos, vergonha que mancha ainda vossos altivos vizinhos do Norte, apesar das admiráveis conquistas do seu gênio empreendedor e progressista. Acabei com essa horrível profanação da natureza humana: cedo ou tarde ela terá como consequência horríveis represálias."

Além das obras referidas deu mais a publicidade. Dacty ou a jovem completa. *Meditações: Lágrimas de um Ceet; Opusculo Humanitário; Schiller; d' uma alma brasileira; Pensamentos; Trois ans en Italie; Voyage en Allemagne; Absolu sob flores; Um passeio a Luxemburgo; Dedicacão a uma amiga; Le Brésil; Fragments d'une ovrage inédite e outros.*

Faleceu em Ruão, na França, a 24 de abril de 1885.

Nada se fez ainda para preservar a memória de quem tanto honrou sua terra e criou o gênio de sua raça. ("A República", de 5.2.1939).

8 - BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, José Geraldo de. Henrique Castriciano de Souza (Um Reformador Social). Natal: PRAEU, 1985.
- CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1941.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Nosso amigo Castriciano, 1874-1947, reminiscência e notas*. Recife: Imprensa Universitária.
- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: Vida e Obra*. Natal: Imprensa Universitária, 1985.
- FLORESTA, Nísia Brasileira Augusta. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. Introdução e notas de Constância Lima Duarte. 4^ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. *Fragments d'un ouvrage inédit. Notes Biographique*. Paris: A. Chérié, 1878.
- _____. *Opúsculo humanitário*. São Paulo: Cortez;; [Brasília, DF]: INEP, 1989.
- FOLHAS DE RELVA -Vol. 1 n. 2 (1999). Natal/RN : Escola Doméstica de Natal, 1999. Ano 2, Setembro - semestral.
- FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos, decadência do Patriarchado rural no Brasil, Série 5^a, Edição Ilustrada, Brasileira Vol. 64, companhia Editora nacional, São Paulo, 1936.
- GRILO, Maria Simonetti Gadelha. *Buscando a luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Natal: Clima, 1969.
- GUIMARÃES, Pinheiro. O Ensaio público. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1907.
- HISTÓRIA da Educação / ASPHE (Associação Sul-rio -grandense de pesquisadores em História da Educação) Fae / UFPel. N.1 (abr., 1997). Pelotas: Editora da UFPel.
- KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Tradução Luís da Câmara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora, 1942..
- MARIZ, Zélia Maria Bezerra. *Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Natal: Editora Universitária, 1982.
- MEDEIROS FILHO, João. *Contribuições à história intelectual do Rio Grande do Norte*. Natal: Academia Norte-rio-grandense de Letras / Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1983.

- MELO, Veríssimo de. Patronos e Acadêmicos. Academia Norte-rio-grandense de Letras: Antologia e Biografia. V. 1: Patronos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1972.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Nisia Floresta, o Carapuceiro e outros Ensaio de Tradução Cultural. São Paulo: Huatec, 1996.
- PERROT, Michele. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- WANDERLEY, Romulo C. Panorama da Poesia Norte-rio-grandens. Prefácio de Luís da Câmara Cascudo. Rio de Janeiro: Val, 1959.
- WEREBE, Maria José G. 30 Anos Depois e Misérias do Ensino no Brasil. São Paulo: Ática, 1994.